

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO - FAALC

ARTES VISUAIS – BACHARELADO

ARIANE ASSIS ARAÚJO SILVEIRA

COR , TEMPO E MONET:

**Um estudo sobre a representação pictórica de
temporalidade na série Palheiros**

Campo Grande. MS

2021

ARIANE ASSIS ARAÚJO SILVEIRA

COR, TEMPO E MONET:

**Um estudo sobre a representação pictórica de
temporalidade na série Palheiros**

Relatório de monografia apresentado à
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Duailibi
Maldonado

Campo Grande, MS

2021

Dedico este estudo à minha família, especialmente ao meu esposo e filhos. Sem o suporte de vocês meus objetivos não seriam alcançados. Com carinho.

AGRADECIMENTOS

Nesta trajetória traçada onde culmina com o Trabalho de conclusão de Curso na UFMS, mencionar todo o apoio que tive foi apenas uma gota d'água no mar de oportunidades, carinho e aprendizado que pude vivenciar durante toda minha vida.

Gostaria de agradecer enormemente aos meus pais, pela minha existência, pelo amor incondicional, pelos ensinamentos de sempre, pela força e perseverança na busca de transmitir valores e pelo esforço por uma educação de qualidade, mesmo que em muitas vezes exigisse um sacrifício enorme por parte de ambos.

Aos meus irmãos, que são apoio e exemplo de muito companheirismo e travessuras.

Ao meu marido, que me acompanha e apoia em cada objetivo que me proponho a alcançar, a cada trilha que decido percorrer.

Aos meus amores maiores, meus três filhos, Manoel, Tatiana e Luiz Felipe. Tudo que posso dizer é que são a chama da minha vida, são a válvula propulsora, são o combustível de cada minuto de esforço, de cada desafio, de cada aventura vivida. São meu motivo maior. Sem eles a vida não teria cores, não existiria luz.

Às minhas duas cadelas, Lola e Sophie, companheiras assíduas de dias de estudo e horas de sofá da sala na espera da sonhada voltinha.

A todos os professores que foram e são protagonistas nesta caminhada tão importante na minha formação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Rafael Duailibi Maldonado, que me acompanhou durante dois anos, tempos pandêmicos, de muita aflição, desafios, tragédias e distanciamento. Toda a atenção, empenho e dedicação oferecidos durante a jornada foram de muita importância na produção e conclusão deste trabalho.

Aos professores que aceitaram participar da minha banca de avaliação, Prof. Dr. Paulo César Antonini de Souza e a Prof.a Me. Priscilla de Paula Pessoa Biagi.

E a todos que participaram da minha vida, intercambiaram experiências, incentivaram meu processo, promoveram aprendizado. Sem vocês nada seria possível.

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS	p. 11
1. RELAÇÕES ENTRE ARTE E TEMPORALIDADE.....	p. 16
1.1. Algumas percepções sobre tempo e temporalidade.....	p. 16
1.2 Cor como objeto de investigação na arte	p. 21
1.3 Cor, luz e temporalidade no contexto da obra artística	p. 25
2. MONET E A BUSCA INCANSÁVEL PELA COR	p. 33
2.1 Monet e a formação de um percurso artístico	p. 33
2.2 Monet e a pintura: estilos, séries e inovações.....	p. 38
2.3 Cor, luz e temporalidade na série Palheiros	p. 45
3. EXPERIMENTAÇÕES EM COLAGEM SOBRE O TEMA TEMPORALIDADE	p. 56
3.1 A Colagem como Linguagem Artística	p. 56
3.2 Definindo a Colagem como expressão artística pessoal	p. 58
4. A SÉRIE “ CORES E TEMPO”	p. 76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 84
REFERÊNCIAS.....	p. 85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estudo fotográfico de temporalidade- Dia 1 - 10:30 a.m.	p. 19
Figura 2 - Estudo fotográfico de temporalidade- Dia 1 - 1:30 p.m.	p. 19
Figura 3 - Estudo fotográfico de temporalidade- Dia 1 - 6:30 p.m.	p. 20
Figura 4 - Estudo fotográfico de temporalidade- Dia 2 - 8:00 a.m.	p. 20
Figura 5 - Estudo fotográfico de temporalidade- Dia 3 - 9.30 a.m.	p. 20
Figura 6 - Estudo fotográfico de temporalidade- Dia 3- meio-dia	p. 20
Figura 7 - Círculo Cromático segundo Goethe – 1810	p. 23
Figura 8 - Círculo cromático de Itten	p. 24
Figura 9 - Gustav Klimt. Impressão, As três idades - 1905 - Óleo sobre tela - 180 x 180 cm	p. 27
Figura 10 - David MacMillan. Cenário em Chernobyl - Fotografia - 56 x 88,6 cm	p. 29
Figura 11 - Cena do filme Pleasantville - A vida em preto e branco -1998	p. 30
Figura 12 - Novela Casarão - 1976 - Fotografia - 60 x 34,20 cm	p. 30
Figura 13 - Cenas de Xica da Silva - 1996 - Fotografia	p. 31
Figura 14 - Claude Monet. Impressão, Nascer do Sol – 1873 - Óleo sobre tela - 48 x 63 cm	p. 35
Figura 15 - Claude Monet. O Passeio, Mulher com sombrinha – 1875 - Óleo sobre tela – 1m x 81 cm.	p. 37
Figura 16 - Claude Monet. Chegada do Trem da Normandia, Estação de Saint-Lazare – 1877 - Óleo sobre tela – 60,3 cm x 80,2 cm.	p. 39
Figura 17 - Claude Monet. A Catedral de Ruão- 1892 - Óleo sobre tela – 100 cm x 65 cm.	p. 40
Figura 18 - Claude Monet. O Parlamento de Londres ao Sol– 1900-1901 - Óleo sobre tela – 81 cm x 92 cm.....	p. 42
Figura 19 - Claude Monet. Nenúfares – 1904 - Óleo sobre tela – 89 cm x 92 cm.....	p. 43

Figura 20 - Claude Monet. Medas em Giverny ao pôr do sol - 1888-1889 - Óleo sobre tela – 65 cm x 92 cm.....	p. 44
Figura 21 - Medas vistas da casa de Monet em Giverny – Fotografia de época.....	p. 46
Figura 22 - Claude Monet. Medas de feno ao pôr do sol, 1890 – 1891, Óleo sobre tela, 73 x 92 cm.....	p. 46
Figura 23 -Claude Monet. Medas de Feno no Fim do Verão a Tarde , 1890, Óleo sobre tela, 60 x 100 cm.....	p. 47
Figura 24 - Claude Monet, Medas de Feno no Outono, 1890 , Óleo sobre tela - 65 x 100 cm.	p. 48
Figura 25 - Claude Monet. Medas de Feno Cobertas pela Neve na Madrugada, 1890-1891, Óleo sobre tela - 65 x 92 cm.	p. 50
Figura 26 - Claude Monet. Medas de Feno, Neve, Céu Coberto , 1890-1891, Óleo sobre tela - 48 x 63 cm.	p. 51
Figura 27 - Claude Monet. Medas de Feno Cobertas de Neve, 1890 -1891 , Óleo sobre tela - 60 x 100 cm.	p. 52
Figura 28 - Claude Monet. Medas de Feno Cobertas de Geada Branca, 1890-1891, Óleo sobre tela - 65 x 92 cm.	p. 53
Figura 29 - Claude Monet. Medas de Feno, Neve, Pôr do Sol 1890 -1891 , Óleo sobre tela - 65 x 100 cm	p. 55
Figura 30 - Pablo Picasso. As Senhoritas de Avignon, 1907, Óleo sobre tela - 244 x 234 cm.....	p.56
Figura 31 - Georges Braque, Natureza morta sobre uma mesa: gillette, 1914, carvão, papel colado e guache, 48 x 62 cm	p. 58
Figura 32 - Material para colagem, 2021	p. 59
Figura 33 - Caderno 4º ano – 1975	p. 61
Figura 34 - Caderno 4º ano – 1975	p. 62
Figura 35 - Caderno 4º ano – 1975	p. 62
Figura 36 - Caderno 6º ano – 1977	p. 63
Figura 37 - Caderno 6º ano – 1977	p. 63

Figura 38 - Álbum de recordações – 1989	p. 64
Figura 39 - Álbum de recordações – 1989	p. 65
Figura 40 - Álbum de recordações – 1989	p. 65
Figura 41 - Álbum de recordações – 1989	p. 66
Figura 42 - Álbum de recordações – 1989	p. 66
Figura 43 - Agenda 2021- Colagens	p. 67
Figura 44 - Agenda 2021- Colagens	p. 68
Figura 45 - Experimentos em colagem s/ título	p. 70
Figura 46 - Experimentos em colagem s/ título	p. 70
Figura 47 - Experimentos em colagem s/ título	p. 71
Figura 48 - Experimentos em colagem s/ título	p. 71
Figura 49 - Experimentos em colagem s/ título	p. 72
Figura 50 - Experimentos em colagem s/ título	p. 73
Figura 51 - Experimentos em colagem s/ título	p. 73
Figura 52 - Experimentos em colagem s/ título	p. 74
Figura 53 - Experimentos em colagem s/ título	p. 75
Figura 54 - Dia e noite – Papel cartão e cola – 30 x 30 cm.	p. 77
Figura 55 - Sol na natureza - Papel cartão e cola– 30 x 30 cm.	p. 78
Figura 56 - Tonalidades - Papel cartão e cola – 30 x 30 cm.	p. 79
Figura 57 - 24 horas - Papel cartão e cola – 30 x 30 cm.	p. 80
Figura 58 - O dia - Papel cartão e cola – 30 x 30 cm.	p. 81
Figura 59 - Arco íris – Papel Cartão e cola – 30 x 30 cm.	p. 82
Figura 60 - Anno – Papel Cartão e cola – 30 x 30 cm	p. 83

RESUMO

Nesta pesquisa abordamos questões relacionadas à luz e à cor como elementos de articulação da ideia de temporalidade na obra artística, tomando como referência a série Palheiros, do artista Claude Monet. O conceito de temporalidade neste estudo foi estabelecido na percepção da cor e os efeitos de iluminação propostos por Monet em algumas pinturas da série mencionada, onde buscou retratar o tema em condições climáticas e horários do dia diferentes. Para isso, a metodologia foi definida na abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico, buscando referências nas obras de Monet para entender suas representações da passagem atmosférica do tempo, tendo a cor como suporte fundamental nesta investigação. O estudo visa contribuir para outras pesquisas sobre o tema, fornecendo algumas análises sobre os aspectos que evidenciam as relações entre a arte, o tempo e a temporalidade.

Palavras-chave: Impressionismo; A cor na Arte; Série Palheiros de Monet; Arte e Passagem do Tempo.

RESUMEN

En esta investigación abordamos temas relacionados con la luz y el color como elementos de articulación de la idea de temporalidad en el trabajo artístico, tomando como referencia la serie Palheiros, del artista francés Claude Monet. El concepto de temporalidad en este estudio se estableció en la percepción del color y los efectos de iluminación propuestos por Monet en algunas pinturas de la serie mencionada, donde buscó retratar el tema en diferentes condiciones climáticas y momentos del día. Para ello, se definió la metodología en el enfoque cualitativo y procedimiento bibliográfico, buscando referencias en las obras de Monet para comprender sus representaciones del paso atmosférico del tiempo, teniendo el color como soporte fundamental en esta investigación. El estudio tiene como objetivo contribuir a otras investigaciones sobre el tema, aportando un análisis de los aspectos que destacan las relaciones entre arte, tiempo y temporalidad.

Keywords: Impresionismo; Color en el arte; Serie Pajares de Monet; Arte y paso del tiempo.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O movimento impressionista constitui uma etapa inovadora para a arte. Uma nova representação da realidade é exposta de maneira peculiar onde os artistas extrapolam os procedimentos técnicos para alcançar seus objetivos.

A luz, a adoção de cores variadas, pinceladas mais soltas e a retratação de cenários amplos e ricos em tons, fazem parte deste contexto de impressões pessoais sobre a natureza na determinação de uma temática surpreendente.

Este estudo busca refletir sobre algumas obras criadas por Claude Monet (1840-1926), num espaço de tempo em que as mudanças da luz nos lugares em função da iluminação do dia são perceptíveis, sendo retratadas na tentativa de transmitir sutilmente a atmosfera de passagem do tempo na perspectiva do artista.

Considerado como um artista impressionista por excelência, Monet era francês e o mais célebre desse movimento. Monet integrava um grupo de artistas, da segunda metade do século XIX, que propunha criar imagens da vida moderna tal qual as viam, capturando as impressões do momento e os efeitos fugazes da luz (FARTHING,2010).

Monet foi incansável pesquisador dos efeitos da luz do dia nas coisas, tendo pintado vários cenários em diferentes horários e em épocas do ano distintas, a fim de mergulhar na análise das mutações multicoloridas do ambiente com sua luminosidade.

A análise da temporalidade, presente nas obras de Monet, assim como em outros artistas, se apresenta de forma muito desafiadora. De maneira instigante este tema é abordado com sensibilidade através de soluções cromáticas, que nos permite participar, poeticamente, com o artista, do instante retratado.

No desenvolvimento desta pesquisa apresentaremos algumas análises sobre a série *Palheiros*, de Monet, adotada como orientação para o estudo sobre cor e luz e suas relações expressivas tão bem retratadas nas obras do artista.

A escolha da série *Palheiros*, entre as outras em que o artista retratou os efeitos da passagem do tempo na observação dos reflexos da luz na natureza, como na série *Ninfeias*, e os lugares retratados nas séries *Catedral de Rouen* e

Estação *Saint Lazare*, foi em função ao meu interesse sobre o espaço e a visualidade rural, e a curiosidade para melhor entender como a luz do dia modifica as cores nestes lugares, fatores evidenciados no manuseio da cor em muitos dos trabalhos de Monet.

A produção da série *Palheiros*, formada por cerca de 25 obras que retratam as pilhas de feno deixadas no campo após a colheita, foi iniciada no final do verão de 1890 e se desenvolveu até a primavera do ano seguinte. Nestas pinturas, Monet tentou traduzir os diferentes efeitos de luz incidentes nos montes de feno nas diferentes estações do ano e em horários distintos do dia.

No referencial bibliográfico consultado não foi possível encontrar imagens de todas as pinturas desta série, e, conforme Spence menciona, existe apenas o registro de quinze destas pinturas de Monet (SPENCE, 1998, p. 27).

Tendo o hábito de pintar em ambiente aberto, o artista usava a luz natural e tratava os elementos da composição com cores vivas, buscando registrar diferentes efeitos de luminosidade com pinceladas rápidas e soltas. As temáticas exploradas por Monet são evidenciadas nos cenários peculiares que mostram este decorrer do tempo buscando resultados condizentes com cada momento representado.

Monet tentou incansavelmente transmitir as impressões e sensações de se pintar ao ar livre, sendo fascinado pelos efeitos da luz e da atmosfera. (KINDERSLEY, 2018). Com sua preferência por espaços amplos e luminosos, aproveitava a luz natural para intensificar sua expressão através das cores e das pinceladas. Esta atitude proporcionou uma percepção mais livre das ações da luz sobre a cor dos objetos, correspondendo às intenções do artista em revelar diferentes situações cromáticas na natureza. Este contexto traz uma realidade provocativa, condizentes com a riqueza de detalhes das obras.

Na complexidade de elaboração dos elementos presentes em cada uma das pinturas é possível perceber toda a atmosfera que atraía o artista. Neste contexto, este estudo propõe analisar a relação entre luz e cor como componentes integrados e responsáveis pela percepção da passagem do tempo.

A irradiação das cores nos objetos traduz a energia absorvida pela visão que, combinada com a luz, traduz os fatores visuais evidenciados nas pinturas

analisadas como resultantes da experiência vivida pelo artista na combinação dos materiais e as condições climáticas durante a execução dos trabalhos.

A análise dos elementos luz e cor, recursos importantes na interpretação do decurso do tempo na obra de Monet, aparece de forma evidente com finalidade de ampliar os conhecimentos do estudo da cor e dos fatores que determinam uma percepção do tempo.

Vários artistas trabalharam o tema da temporalidade/passagem do tempo, apresentando características pessoais com criatividade e ousadia, tais como Makoto Azuma, Dirk de Bray, Caravaggio e Marc de Quinn entre outros, tema também adotado nas pinturas do estilo *Vanitas*.

A palavra *Vanitas* se origina do latim, cujo significado é *vaidade*. “As artes *vanitas* são obras que remetem à efemeridade da vida, à morte, à passagem do tempo e à vaidade, simultaneamente, temas vinculados a uma influência religiosa.” (Ferreira, Mello, 2021, p. 1). Tais obras buscam representar as angústias da existência humana, conduzindo a reflexões acerca da vida, da morte e das vaidades, características inerentes aos seres humanos.

Este estudo, a partir de análises sobre a série *Palheiros*, de Monet, busca responder a seguinte questão: como a cor e a luz, utilizadas na representação artística da temporalidade, evidenciam a representação atmosférica em diferentes momentos do dia?

Diante estas questões, o estudo tem como objetivos analisar a relação entre cor e luz na construção de registros da temporalidade, identificar os elementos que determinam o entendimento da passagem do tempo, e como, na relação entre luz e cor presente das obras analisadas, Monet conseguiu transmitir o seu interesse pelos efeitos temporais.

Partiu-se da hipótese que na série *Palheiros*, a cor e a luz são componentes fundamentais e estão devidamente articulados para que, nas citadas pinturas, determinem características estéticas significativas enquanto elementos visuais que tornam visível a percepção da temporalidade do artista.

Durante o desenvolvimento da pesquisa houve uma mudança na abordagem sobre o tema proposto na primeira etapa do processo. Inicialmente o estudo visava a relação entre arte e o conceito de passagem do tempo, entretanto,

em função do interesse em estudar os aspectos pictóricos da luz e da cor na composição artística, decidiu-se adotar a ideia de temporalidade, a percepção do momento provisório, a representação de um tempo limitado, questões presentes nas pinturas de Monet, como condutores das análises desta pesquisa.

Para tanto, a metodologia do estudo foi definida pela abordagem qualitativa, fazendo uso do procedimento da pesquisa bibliográfica, coletando e selecionando dados encontrados em livros, revistas, artigos e pesquisas que envolvam temas aproximados às questões da série Palheiros e representações de temporalidade na produção artística.

Além disto, foram desenvolvidas experimentações práticas na linguagem da Colagem, como parte importante do contexto abordado, ilustrando alguns aspectos do discurso da pesquisa teórica.

A estrutura desta pesquisa foi definida da seguinte forma: o primeiro capítulo, **RELAÇÕES ENTRE ARTE E TEMPORALIDADE**, apresenta um estudo sobre definições de tempo e temporalidade, aproximando estas questões ao contexto da produção artística. Neste sentido, efetua-se um estudo sobre a teoria da cor buscando entender como são estabelecidas, no contexto da arte, algumas conexões entre a representação do tempo tendo a cor como elemento de investigação e experimentação.

No segundo capítulo, **MONET E A BUSCA INCANSÁVEL PELA COR**, apresenta-se um breve histórico de Claude Monet, abordando o movimento impressionista e estabelecendo análises sobre suas séries, com enfoque na série Palheiros, buscando as implicações artísticas sobre a luz e a cor no conjunto de pinturas do artista.

O terceiro, **EXPERIMENTAÇÕES EM COLAGEM SOBRE O TEMA TEMPORALIDADE**, traz um breve estudo sobre a linguagem da Colagem, e, em caráter de memorial, apresenta o percurso de definição desta linguagem para o desenvolvimento da pesquisa prática relacionada com o contexto teórico deste estudo, assim como, ilustra a trajetória de experimentações que culminou na série final de trabalhos práticos deste estudo.

O capítulo quatro intitulado **A SÉRIE “CORES E TEMPO”**, apresenta o conjunto de trabalhos realizados como investigação poética sobre o tema da

pesquisa teórica. Inspirado nas obras impressionistas de Monet, especificamente na série Palheiros, tem como elementos principais a combinação de cor e luz e, numa leitura metafórica, busca-se revelar uma abordagem subjetiva de temporalidade.

1 RELAÇÕES ENTRE ARTE E TEMPORALIDADE

A cor é o meio mais relativo de todos na comunicação visual (Joseph Albers)

Neste capítulo serão apresentadas análises sobre a relação arte e temporalidade, buscando abordar este tema para entender como ele se estabelece na produção pictórica através do estudo da luz e da cor.

Assim como fez Monet em algumas de suas séries, para alguns artistas, tentar entender e retratar o sentido atmosférico de temporalidade é um constante desafio, uma vez que o transitório e a limitação do tempo é fugaz e sua percepção é quase sempre subjetiva.

Para melhor estabelecer esta relação entre arte e temporalidade, vamos buscar conceitos e sentidos para tentar definir sobre o tempo. E no contexto de produção artística, buscaremos verificar as circunstâncias em que a cor e a luz determinam, através dos aspectos pictóricos, a noção de temporalidade em toda a sua dimensão estética.

1.1 Algumas percepções sobre tempo e temporalidade

Se em um instante se nasce, e em um se morre, um instante é o bastante pra vida inteira. (Cecília Meireles)

A curiosidade sobre o tempo data da antiguidade. Na arte a abordagem sobre temporalidade através da observação da relação entre cor e luz nos permite identificar o caráter subjetivo do artista para entender o contexto da obra.

Maldonato (2012) argumenta que os gregos acreditavam que o tempo era o espelho da época: Urano, Cronos e Zeus, divindades da mitologia grega,

representavam os três ciclos do conhecimento espaço-tempo em uma perspectiva de compreensão que envolve o sujeito humano. A temporalidade é para si.

Posto isso, destaca-se estudos e conceitos sobre o tempo datam da época de Pitágoras, Aristóteles e Platão. As inúmeras definições de tempo fundamentaram “a mecânica de Newton, que distinguia o tempo absoluto e o tempo relativo, mas a ambos atribuíam ordem e uniformidade” (ABBAGNANO, 2007, p. 945).

O passar do tempo, os dias, os anos, são promessas de algo por vir. Tudo está conectado em busca de um futuro. O presente é algo contínuo que nos conduz a um tempo sucessivo, ao seguinte, a um novo momento desconhecido, incógnito, considerando que “O tempo remete ao mistério e à graça, à violência e à esperança, à cultura e à coragem de um *por vir* ou, melhor dizendo, de um *ad-vento* que se torna evento imprevisível.” (MALDONATO, 2012, p. 19)

Para chegar ao conceito contemporâneo de tempo, este vocábulo foi antes estudado por diferentes filósofos e historiadores. O tempo pode ser definido também como uma ordem de sucedidos e esta ordem temporal não pode ser invertida.

O que precede é diferente do que acontece em seguida, sendo uma evolução, uma transformação. É uma questão de sensibilidade e percepção, onde o precedente determina o acontecimento subsequente.

O tempo não pode ser tocado, visto ou escutado, e ainda assim, apesar de sua abstração, o tempo é uma vivência concreta, real, onde sua dinâmica rege todo o correr da história.

Sendo a palavra tempo definida sobre diferentes aspectos, em alguns casos como ciclos, fases, Eras, momentos e até passado, se trabalha com ele por datas, instantes, retratando um tema, uma pesquisa, um objeto ou um assunto. Partindo deste pressuposto se faz um recorte ou uma análise até mesmo uma exposição, onde a subjetividade ou o consenso são retratadas e/ou vivenciadas.

A noção de tempo é aprendida desde a infância. Os acontecimentos, a sequência de ações, os momentos existentes no cotidiano, os horários para alimentar, tomar banho, dormir, vão criando uma noção de sucessão dos instantes

que são incorporados pela criança, que desenvolve uma rotina dentro da sua concepção de tempo. Isto evolui com o passar dos anos.

O tempo é movimento puro, que escapa sem se subtrair. Pura errância. Em seu movimento, toda migração acontece, abrindo-se para uma liberdade além da história.” (MALDONATO, 2012, p. 18)

Durante toda a vida somos dirigidos por uma rotina que é identificada como o tempo de cada acontecimento. Somos direcionados pela luz do dia, pela localização do sol, pela mudança da lua. Tudo depende de um instante que é vivido, usufruído e que deixa marcas. E o que figura agora são consequências que são determinadas pelo passado.

A consciência a respeito da temporalidade, que se adquire com a vivência cotidiana, ressalta a noção de tempo que é internalizada de tal maneira que conseguimos perceber dias curtos, dias longos, o frio chegando, a troca de estações, a mudança de lua, a tarde, o anoitecer, no entanto:

”...tudo nos remete ao tempo: ritmo dos dias e das estações, a incerteza do futuro, a impossibilidade de reviver o passado, a experiência da juventude e da velhice, o limiar que se fecha às nossas costas no fim da viagem. Não é apenas a dureza da pergunta a nos confundir: é nossa inteligência, que, apesar de intuir as tramas sutis do Universo, não consegue pensar o princípio e o fim. Em presença do tempo nossa imaginação para, e um sutil desassossego invade nossa alma. Tudo o que até ali sustentara nossas certezas – ideias, números, palavras, até o nosso próprio Eu – vacila.” (MALDONATO, 2012, p. 16)

A percepção do tempo é uma organização mental de sensações que em conjunto com o pensamento e a ação produzem uma consciência do tempo (POHLMANN, 2005). Na manifestação artística onde se aborda a temporalidade encontramos peculiaridades que são percebidas primeiramente pelo artista.

Toda sua técnica e sensibilidade são expostas na obra, que transmite o instante determinado, ao qual o criador coloca detalhes que identificam subjetivamente o momento.

A relação do tempo e os acontecimentos é um tema inesgotável. É uma sensação subjetiva, que pode ser linear, cíclica, lenta ou acelerada, dinâmica, mas evidencia o ponto de partida da relação Homem-Natureza e Homem-Sociedade...” (GLEZER, 2002, p. 1).

Por ser um tema muito intrigante e solicitar muita observação e sensibilidade visual, foi realizado, como experiência prática, um estudo fotográfico de temporalidade em meu campo de existência. A proposta foi efetuar durante três dias fotos de um mesmo local para que se pudesse perceber o transcurso do tempo através da cor e da luz que incide neste lugar. As fotografias foram tiradas de um celular e colocadas lado a lado com o fim de se evidenciar a mudança temporal.

Durante três dias do inverno de 2021, na cidade de Passos, Minas Gerais, foi realizado este estudo fotográfico de temporalidade, respeitando a regra de horários distintos e local predeterminado. A partir desses resultados, foi possível notar como o efeito de iluminação natural, ou a ausência dela, interfere no resultado visual das imagens registradas através da fotografia.

Essa experiência pode ser percebida na sequência fotográfica a seguir:

Estudo fotográfico de temporalidade

Figura 1 - Dia 1 - 10:30 a.m.



Figura 2 - Dia 1 - 1:30 p.m.



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 3 - Dia 1 - 6:30 p.m.



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 4 - Dia 2 - 8:00 a.m.



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 5 - Dia 3 – 9.30 a.m.



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 6 - Dia 3 – meio-dia



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Mesmo que os registros do estudo fotográfico acima apresentado tenham sido realizados com um recurso simples, captados por uma lente de celular, é possível entender as variações de cor da paisagem, a presença de sombras e suas variações, tudo em função da luz incidente nos objetos provenientes do correr do tempo. No estudo se percebe nitidamente mudanças de localização das sombras dos fios de eletricidade presentes na cena e da tonalidade do céu, que são condizentes com o passar das horas e a incidência da luz solar.

Whitrow (2005) diz que o que ocorre no tempo é o que determina os efeitos, e afirma que podemos perceber a mudança com todos os sentidos, mas estes não são homogêneos.

A luz que incide durante as horas do dia proporciona uma gama de tonalidades e efeitos, que de maneira direta interferem nas cores apresentadas no cenário.

1.2 Cor como objeto de investigação na arte

No correr dos anos, vários pensadores, cientistas e filósofos destinaram seus estudos para os fenômenos cromáticos. Teorias mais precisas datam do século XVII, quando Isaac Newton (1642-1727) realizou um estudo sobre a luz (SILVEIRA, 2011).

Newton busca na física a explicação para a existência da cor, realizando estudos de refração do raio de luz sobre o espectro cromático, enfatizando um período dominado pela química e pela física.

Passados cem anos, com o lançamento da obra, *Doutrina das Cores*, de Goethe, se dá início a um novo período de investigação sobre a cor, e:

Se por um lado Newton, estuda a cor com foco nos aspectos físicos da luz, Goethe prefere esboçar seus estudos baseados nos aspectos perceptivos relacionados ao olho. Atribui às cores uma dimensão fisiológica” (GOETHE, 2013, p. 12)

É perceptível como a cor e a luz evidenciam-se em temas que abarcam multiplicidade e pesquisa. Entender a sutileza e o processo de aplicação destes elementos na arte requer muita observação, sensibilidade e conhecimento da teoria da cor para compreender o que o artista busca expressar.

Apesar das teorias desenvolvidas por Isaac Newton e por Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832), no que diz respeito à cor, não serem totalmente coincidentes, foram de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa do fenômeno cromático.

Vale ressaltar que no que se refere aos estudos da cor, os trabalhos de Newton, com um olhar mecanicista, e o idealismo do estudo de Goethe datado de

1810, intitulado *Doutrina das Cores*, influenciaram muitos dos mestres que posteriormente se propuseram a estudar a cor.

Dentre os nomes mais destacados neste panorama podemos citar, Walter Gropius (1883-1969), idealizador da escola alemã Bauhaus, Paul Klee (1879-1940), Wassily Kandinsky (1866-1944), Johannes Itten (1888-1967), Josef Albers (1888-1976) entre outros. Vale destacar que esse percurso contempla também o fato de que:

Fisicamente, a cor acontece porque ondas de luz alcançam os olhos através de uma transmissão da fonte de luz para o objeto, e deste para o observador ou quando o objeto é a própria fonte de luz. (SILVEIRA, 2011, p. 57)

As ondas de luz que atingem as terminações nervosas resultam na sensação cromática que em associação ao conhecimento da teoria da cor nos leva a estabelecer critérios ante o universo colorido, recordando que:

No pensamento medieval, a luz era concebida de duas maneiras: como *lux*, a fonte de luz, e como *lumen*, a luz refletida por uma superfície. E, assim como as cores "*accidentais*" eram muito mais valorizadas que as cores inerentes aos materiais, por serem mais transparentes e mais misteriosas, as substâncias translúcidas ou dotadas de extrema reflexibilidade, como as pedras preciosas, os metais e os vidros (geralmente vistos como um tipo de pedra), eram mais valiosas porque pareciam incorporar ou gerar a própria luz. (CAGE, 2016, p. 6)

Com o passar dos tempos a luz era cada vez mais estudada como um fenômeno físico, sendo que a sombra deixava de ser suspeita, tornando o sombreamento cada vez mais interessante para os pintores (CAGE, 2016).

Estudos de inúmeros autores abordam a cor como elemento de escolha consciente e influente, ressaltando o tripé cores, natureza e homem como base para o desenvolvimento de todo e qualquer estudo (BARROS, 2011, p. 7,8). Para Barros (2011), a cor é um elemento fascinante, mas se apresenta como um tema muito abrangente e sua pesquisa muitas vezes se torna exaustiva.

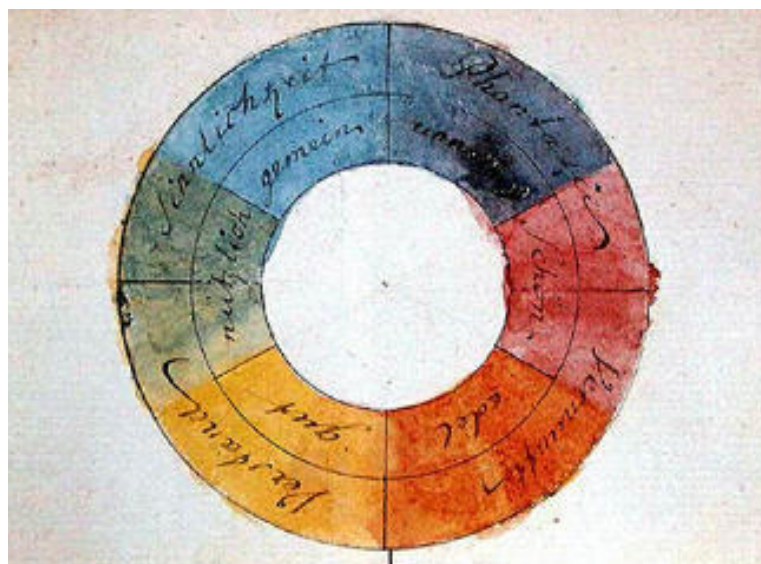
Barros (2011) ressalta ainda que para se compreender a cor se faz necessário abordar temas como a composição química dos pigmentos, estudos da física da luz, questões sobre o sentido da visão além dos tópicos relacionados à psicologia da interpretação e assimilação.

Podemos descrever as cores como Cor-pigmento e Cor-luz. A primeira se refere à substância material que conforma o objeto e recebe o nome segundo a sua natureza química.

Cor-luz diz respeito ao intervalo visível do espectro eletromagnético que tem como resultado da mistura das três cores primárias a luz branca (SILVEIRA, 2011, p. 55). Como espectro eletromagnético entendemos o conjunto de todas as frequências da radiação eletromagnética. Estas ondas são capazes de se propagar no vácuo e no meio material, recebendo o nome de luz.

As cores-pigmentos e as cores-luz, a princípio, são organizadas em tríades de cores primárias. Quando as cores primárias se juntam com as cores secundárias e terciárias, se dá origem aos círculos cromáticos.

Figura 7 - Círculo Cromático segundo Goethe – 1810



Fonte: opusflex.com.br

O tratado sobre as cores elaborado por Goethe durante o século XIX culminou com o círculo cromático. Seu estudo abordava a óptica fisiológica, física e química das cores. Segundo Fraser e Banks (2007), Goethe queria reduzir o

transtorno do uso da cor na arte. Sua oposição a Newton era além de prática, filosófica.

Figura 8 – Círculo cromático de Itten



Fonte: Fraser, Banks, 2007, p. 44

Acima (Fig.8) visualizamos o segundo círculo cromático desenvolvido por Johannes Itten, que apresenta um triângulo central com as cores primárias e triângulos intermediários referentes às secundárias. Este círculo também mostra combinações de matizes. Itten estudou as cores cientificamente, experimentando ondas de luz e reflexos, levando a uma perspectiva de designer, aprofundando as relações entre as cores e os efeitos visuais (FRASER, BANKS, 2007, p. 45).

Silveira afirma que o Círculo Cromático é a primeira organização do numeroso e complexo mundo visual colorido (SILVEIRA, 2011, p. 59). A autora explica ainda que o instrumento é muito importante para mostrar a localização das cores, que são nomeadas como primárias, secundárias, terciárias, análogas (vizinhas), complementares (contrárias), além de auxiliar nas combinações de cores.

Itten, influenciado por Goethe e concordando com o trabalho de Kandinsky, afirmava que as cores poderiam causar efeitos psicológicos e espirituais no ser humano e influenciar nos seus sentimentos. Ele acreditava que determinada cor

possuía força para sugestionar uma outra em termos de equilíbrio, uma simetria de forças”. (ITEM *apud* FRASER, BANKS, 2007, p 44).

Tendo em conta que a percepção das cores pelo ser humano passa por fenômenos fisiológicos, reações psicológicas são muito aceitáveis ante a presença das cores. As cores impactam as pessoas, entretanto cada um manifesta um comportamento específico, de acordo com a sua característica pessoal.

Conhecemos mais de sentimentos do que de cores (Heller, 2021, p. 17). E mergulhando no mundo cromático percebemos que os efeitos ante as cores são muitas vezes contraditórios, uma vez que:

Nenhuma cor está ali sozinha, está sempre cercada de outras cores. A cada efeito intervêm várias cores -um acorde cromático. (HELLER, 2011, p. 18)

Estudos revelam que as cores afetam o humor e as escolhas do observador. Goethe, assim como Itten e Kandinsky, em suas investigações também se interessou pelo modo com que a natureza humana respondia à cor, aspecto que considerei também na elaboração das obras que acompanham este trabalho de conclusão de curso.

1.3 Cor, luz e temporalidade no contexto da obra artística

Com técnica refinada, agudeza visual e conhecimento apurado, alguns artistas dedicaram tempo a retratar em suas obras, possibilidades de manifestação da temporalidade fazendo uso da cor e da luz.

No cinema, no teatro, na fotografia, também no desenho e em outras expressões artísticas é possível perceber o uso da cor e da luz como estratégias do pronunciamento singular dos artistas.

Manifestações artísticas que abordam temas como temporalidade e passagem do tempo usam signos que refletem a efemeridade da vida, a transformação, fazendo uso de alguns recursos poéticos como a cor e a luz, além de observação desses fenômenos,

De acordo com sua sensibilidade e especificidade na percepção da cor, cada artista virá a retratar sua obra usando determinadas cores. Como foi pontuado anteriormente, a especificidade da visão somada aos efeitos que as cores causam no artista, e sua técnica, conduzem este a elaborar uma obra singular, onde suas emoções, sua criatividade e conhecimento afloram, dando vida à obra.

A percepção da cor é subjetiva. Depende da constituição do aparelho visual de cada um, da luz que incide, da agudeza pessoal, da posição que se encontra ante o objeto a ser retratado.

O olho humano normal é dotado de três cones, chamados de cone L, cone M, e cone S. A maior parte das deficiências atingem estes cones e alteram a percepção das cores. A visão humana é tricromática, mas algumas mudanças nos cones proporcionam diferenças de visão de pessoa a pessoa (FRASER, BANKS, 2007, p. 28).

Com toda a especificidade da visão humana, a subjetividade artística se torna ainda mais perceptível. Não seria diferente na representatividade de distintos artistas, nas inúmeras obras produzidas, que buscam mostrar a mudança temporal, os dias, as horas e as estações. Através dos tempos podemos encontrar várias manifestações neste sentido.

A representatividade da passagem do tempo é muito comum em obras sequenciais. Nelas encontramos evolução e mutações que provocam emoções únicas.

Para Maldonato, a memória guia a consciência a uma “presentificação” do passado, retratando sensações que se perpetuam com a expressão do artista. Este autor afirma ainda que “lembrar e lembrar-se implicam também uma plena capacidade de “futurização” (MALDONATO, 2012, p. 123).

Diante desta citação podemos perceber que o fator memória também é um diferencial na composição artística. Cada ser humano percebe as coisas de uma maneira e as retém de uma forma muito particular.

Tanto a imagem física, como o referencial emocional e os fatores fisiológicos (no caso da visão) influenciam na contextualização mental do artista, que expressa através de sua arte as emoções, sensações e experiências vividas.

A arte retratando a passagem do tempo recupera a memória, exhibe o momento de forma sensível e pessoal, respeitando a personalidade do artista. Nada mais expressivo que o relato de um mestre que vive a obra, que coloca seu olhar na produção.

Através de seu pronunciamento se pode perceber o momento, entrar no enredo, entender o instante. A obra já não é o presente, o tempo caminha, mas o espectador pode sentir o ensejo e mergulhar na emoção.

Na obra *As Três Idades de Vida*, de Gustav Klimt (1862-1918), três mulheres são retratadas nuas, com idades distintas, onde se percebe uma dimensão artística que traz a ideia de movimento do tempo e do percurso da vida. (Fig. 9)

Figura 9 - Gustav Klimt. *Impressão, As três idades* - 1905

Óleo sobre tela - 180 x 180 cm



Fonte: Vírus da Arte e Cia

Worms (2004) pondera que para o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), o tempo é uma sucessão, uma continuidade de fatos, que mudam, deixam memória. A questão deste autor se baseia no simples fato que o tempo passa. Com o estudo e a expressão da temporalidade podemos obter a compreensão e capacidade de esclarecer a integralidade da experiência.

Estabelecendo a cor e a luz como pontos principais na discussão da retratação de temporalidade na arte, encontramos expressões artísticas que ilustram com maestria a relevância dos elementos cor-luz na sua produção. Entre as modalidades artísticas que mostram o tema tempo fazendo uso da cor e da luz estão principalmente a pintura, o cinema, a fotografia e a televisão.

Seja fazendo uso da luz natural, como podemos perceber na fotografia ou em obras dos pintores impressionistas, ou com a presença de efeitos especiais, técnicas de audiovisual, da maquiagem, e do vestuário, como se pode notar no cinema e na televisão, a relação entre a passagem do tempo, a luz e a cor se entendem através de um diálogo muito harmonioso.

O fotógrafo David McMillan (1945 -), após a tragédia de Chernobyl, viajou 21 vezes ao local para registrar a evolução dos efeitos da catástrofe com o tempo, (Fig. 10) sendo que a primeira foto foi tirada em 1994.

McMillan fez viagens recorrentes à Pripjat, na Ucrânia (antiga URSS), registrando “o antes, o depois e o muito depois” (MARTÍNEZ, 2019, el país.com). Um relato muito verídico, que em 1986 veio a ser um enorme desastre nuclear. Este trabalho está reunido no livro *Growth and Decay: Pripjat and the Chernobyl Exclusion Zone*.

Figura 10 - David MacMillan. Cenário em Chernobyl

Fotografia - 56 x 88,6 cm



Fonte: El País Brasil

No cinema, os Estados Unidos se destacam na produção de filmes que retratam a passagem do tempo, fazendo uso de efeitos especiais, maquiagens, vestuário, tecnologia avançada, e muita especificidade, que o coloca em um patamar elevado na preparação cinematográfica.

Entre os vários filmes que trabalham a luz, a cor e a passagem do tempo citamos: A Trilogia *De Volta para o futuro* (1985,1989,1990), *Titanic* (1997), *Pleasantville - A vida em preto e branco* (1998), (Fig. 11), *Jurassic Park* e suas sequências (1993,1997,2001,2015,2018), a série *Star Wars* (1977,1980,1983,1999,2002,2005,2015,2017,2019), *Click* (2006), *O Curioso Caso de Benjamin Button* (2008), adaptação de um livro homônimo.

Figura 11 - Cena do filme Pleasantville - A vida em preto e branco -1998



Fonte: The film experience

No Brasil podemos citar o filme O Quatrilho, romance estreado em 1995, baseado no livro de mesmo nome, do autor José Clemente Pozenato. As produções televisivas são um destaque em território brasileiro.

E neste contexto de estudos cromáticos e passagem do tempo vale mencionar a telenovela O Casarão, (Fig. 12) da TV Globo, veiculada em 1976, com direção de Daniel Filho. Esta trama se dá em épocas distintas, que retrata a decadência das oligarquias cafeeiras paulistas, abordando também temas como a velhice, a política e o feminismo (Memória Globo).

Figura 12 - Novela Casarão - 1976

Fotografia - 60 x 34,20 cm



Fonte: Claudio novela

Além de O Casarão, podemos nomear também Xica da Silva, (Fig. 13) exibida entre 1996 e 1997, pela Rede Manchete. O enredo trata sobre uma escrava que vira rainha durante o século XVIII, no Arraial do Tijuco, em Minas Gerais. Durante sua elaboração foram usados alguns fatos verídicos em conexão com cenas de ficção.

Figura 13 - Cenas de Xica da Silva - 1996

Fotografia



Fonte: A Hora

Tanto em O Casarão como em Xica da Silva, há um cuidadoso trabalho de elaboração da luz e das cores como elementos que contribuíram para a ideia de passagem do tempo no período da jornada em que as histórias se desenrolam.

Nas artes plásticas, esses elementos são recorrentes nas obras de alguns artistas. Entretanto, é na pintura impressionista, baseada nos efeitos da luz da natureza, que esse fenômeno foi plenamente articulado para retratar as cores da vida cotidiana, mostrando mudanças de luz e dando a impressão de movimento.

Neste contexto citamos Monet e suas inesquecíveis séries, mas também merecem destaque, Édouard Manet (1832-1883), Edgar Degas (1834-1917) e Pierre-Auguste Renoir (1841-1919).

Estes impressionistas costumavam trabalhar com pequenas manchas de cores, na presença da luz solar, captando a mesma paisagem, enfatizando as mudanças de ângulos e as alterações causadas pelo passar dos momentos do dia.

Mas é a obra de Monet em que a cor e a luz são fatores primordiais para narrar a efemeridade do instante, contribuindo de forma significativa para relatar os indícios de temporalidade, das alterações atmosféricas em determinados momentos do dia, e dos contrastes entre luz e sombra articulados pela cor para dar diferentes dinâmicas nas cenas retratadas.

2 MONET E A BUSCA INCANSÁVEL PELA COR

Neste capítulo serão observados o percurso histórico de formação, as características da obra e a influência da cor e da luz nas pinturas de Claude Monet, destacando estes elementos como articuladores da representação atmosférica para demonstrar diferentes períodos do dia.

Vislumbra-se algumas possibilidades de estudo sobre o universo pictórico do artista, sendo as análises aqui apresentadas, orientadas por autores como Wildenstein (2018), Barros (2011) e Fraser (2007).

Serão abordados aspectos relacionados à efemeridade da luz na produção deste artista, buscando entender como as cores são articuladas na pintura a partir da observação real dos efeitos de iluminação na natureza.

2.1 Monet e a formação de um percurso artístico

Claude Monet nasceu no dia 14 de novembro de 1840, em Paris, tendo uma infância aparentemente normal para a época. A família se muda para Havre, na França, onde seu pai consegue emprego em um negócio familiar, estabilizando sua situação econômica. Quando criança não teve destaque na escola, entretanto nas aulas de desenho se sobressaia, apesar de serem desprezadas naqueles tempos.

Nos seus cadernos de escola foram encontrados alguns esboços que retratavam além de caricaturas, personagens, barcos e paisagens. Devido ao interesse pela arte do desenho, totalmente espontâneo, seu pai insistiu para que ele investisse nesse estudo, e Monet decide frequentar uma escola menos formal.

Com as caricaturas ganha notoriedade, sendo solicitado por toda parte. Com o passar dos tempos foi tomado por uma ânsia de explorar seu trabalho economicamente, já que não recebia muita ajuda da família. Para aperfeiçoar sua arte, faz cópias de renomados artistas, mas não as comercializa.

Monet então concorre a uma bolsa pela Comuna de Havre, onde residia, para ir estudar em Paris, embora não tenha recebido nenhum apoio por parte de

seu pai. Em 1859, tornou-se uma celebridade local com seus esboços espirituosos e suas caricaturas com detalhes naturais e espontâneos.

Sem esperar a resposta da bolsa, parte para Paris onde começa uma saga, realizando alguns trabalhos, visitas a artistas, e já recebendo a ajuda de uma tia e do pai, que passa a aceitar sua decisão ante seu peculiar sucesso nas artes.

Monet expõe nas ruas de Paris e se torna conhecido sem mesmo assinar suas obras. Nesta época, conhece Eugène Boudin (1824-1898), pintor francês que exerce forte influência na sua formação como pintor.

No decorrer do tempo Monet segue um programa sugerido por Constant Troyon (1810-1865), famoso pintor francês. Neste meio tempo regressa a Havre para realizar alguns estudos sobre paisagem e, no inverno seguinte, muda-se definitivamente para Paris, onde conhece o pintor Édouard Manet.

A família esperava que Monet frequentasse a Escola de Belas Artes, entretanto, ele decide por um percurso pessoal, passando pela *Académie du Suisse* entre outras, buscando sempre aperfeiçoar sua arte. Em 1861, se apresenta ao exército, se afastando momentaneamente de sua vida artística. Cumpre serviço militar por um ano e recebe uma licença em decorrência a problemas de saúde.

Regressando à França, Monet trabalha com inúmeros artistas, entre eles, Johan Barthold Jongkind (1819-1891), holandês considerado um dos precursores do impressionismo. Apesar disto, a exigência de seu pai para seguir estudos mais sérios e dirigidos por mestres conhecidos o faz buscar ensinamentos mais disciplinados.

Por volta de 1863, já ingressado na *Académie Atelier Charles Gleyre*, conhece os pintores Frédéric Bazille (1841-1870), Pierre-August Renoir (1841-1919) e Alfred Sisley (1839-1899). A partir de então, participa de salões e realiza inúmeras obras, sempre trabalhando com escassos recursos.

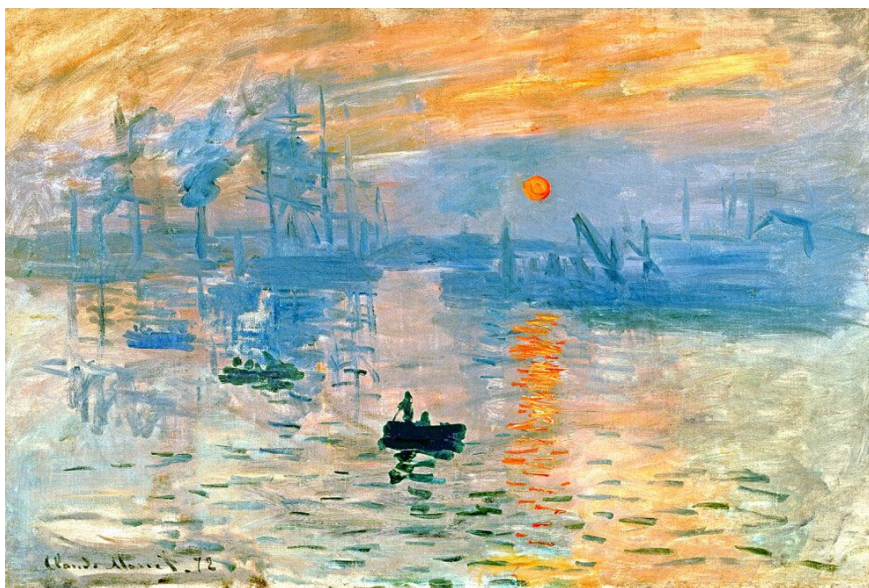
Em 1872, Monet pinta a tela *Impressão, Nascer do Sol*, que vem a dar origem ao nome do movimento impressionista. Este trabalho inspirou o crítico de arte francês Louis Leroy (1812- 1885) a denominar este movimento de Impressionismo, um novo tipo de pintura que menosprezava os padrões estabelecidos pela academia, na perspectiva de que:

O Impressionismo é uma técnica pictórica criada para melhor representar a cambiante impressão visual da realidade. Seu antecedente imediato é, portanto, o Realismo de meados do século XIX. Aliás, pode-se considerar o Impressionismo como o complemento técnico desse movimento que constituiu uma importante revolução na temática da pintura: a paisagem torna-se o objeto único do quadro. (BALZI, 2009, p. 16)

Para Kindersley (2018), Monet foi o líder do movimento impressionista. A obra Monet, *Impressão, O Nascer do sol* (1873), (Fig. 14) mostra o olhar do artista diante um amanhecer luminoso, onde o artista utiliza de cores puras para retratar, através de pinceladas soltas, o efêmero e o fugaz da vida ao ar livre.

Figura 14- Claude Monet. Impressão, Nascer do Sol - 1873

Óleo sobre tela - 48 x 63 cm



Fonte: deniseludwig.blogspot.com

O impressionismo foi uma tendência artística francesa, com ênfase na pintura, que ocorreu no momento da chamada *Belle Époque* (1871-1914). Essa vertente teve um papel muito importante para a renovação da arte do século XX, sendo a grande propulsora das chamadas vanguardas europeias.

Este movimento apresenta novas possibilidades estéticas que buscam revelar a realidade através das sensações e impressões dos artistas. A visão ganha força, ou seja, a iluminação natural do dia tem um papel primordial na construção impressionista, e a observação dos efeitos da luz estrutura todo o trabalho.

Os impressionistas tiveram sua estreia pública numa mostra coletiva realizada em Paris, em abril de 1874. Contudo, o público e a crítica reagiram insatisfatoriamente ao novo movimento, sendo considerada muito moderna para a época. Os visitantes ainda se mantinham fiéis aos princípios acadêmicos da pintura.

A luz e a cor são elementos fundamentais no movimento impressionista. As principais características desse estilo são o uso de técnicas de pintura que valorizam a ação da luz natural, o uso preciso das cores em pinceladas soltas para retratar os movimentos e a atmosfera da cena retratada, a construção rápida e o uso de efeitos de sombras coloridas e luminosas.

As pinceladas rígidas, as propostas lineares e acadêmicas dos estilos que antecederam o Impressionismo foram substituídas pela representação mais subjetiva, realista, que retrata o momento e captava sua impressão.

Monet apreciava realizar seu trabalho ao ar livre, a natureza era a principal fonte de inspiração e motivação. O artista estava muito interessado no efeito da luz, por isto apreciava pintar em diferentes momentos do dia. Monet pintou, sistematicamente, algumas séries em variadas situações luminosas.

Sua formação artística, suas amizades, o apoio de Boudin, a cumplicidade de sua tia, a morte precoce da mãe, de suas duas esposas e do filho Jean, assim como a Primeira Guerra Mundial, foram fatos que influenciaram a elaboração de suas obras.

Os problemas de saúde que surgiam com o passar dos anos e a luta contra a cegueira, fizeram com que sua pintura fosse ainda mais diferenciada. O trabalho de Monet foi vasto e de muita importância para a arte. A obra se desenvolveu de maneira que o pintor fugia dos temas ligados à igreja ou das produções de retratos fiéis à realidade.

A luz e as pinceladas soltas são elementos fundamentais nas obras de Monet, que possuía grande interesse pela natureza. Através de suas produções buscava captar a realidade do momento que trabalhava, a temporalidade, o instante que observava a paisagem.

Em suas pinturas se percebia o movimento das águas, o nevoeiro sobre o rio, a relva, a fumaça de um trem, o barco no mar. A realidade embasada era capaz de dar a impressão nítida do instante, de um determinado momento.

Figura 15- Claude Monet. O Passeio, Mulher com sombrinha - 1875

Óleo sobre tela – 1m x 81 cm



Fonte: Google Arts & Culture

Nesta obra Monet retrata Jean, seu filho, acompanhado de Camille, sua primeira esposa. (Fig. 15) Pela luminosidade podemos perceber um dia cálido, levemente nublado, porém ensolarado. Percebemos a sombra, o céu repleto de nuvens, um campo cheio de luz, onde as cores aparecem variadas e sutis, mostrando um ambiente aberto, amplo, bem ensolarado em um momento de convívio familiar.

Com pinceladas rápidas e cheias de cor, Monet aproveitava a luz diurna para realizar suas obras. Essas pinturas, vistas de perto, eram como borrões

coloridos na superfície da tela, mas a uma certa distância, tudo aquilo fazia muito sentido.

As engenhosas pinceladas impressionistas de Monet são capazes de retratar detalhes temporais com riqueza de detalhes que transmitem sensações que causam perturbação no observador.

2.2 Monet e a pintura: estilos, séries e inovações

A obra de Claude Monet se inicia quando ele era ainda um estudante de ensino médio. Não era um excelente aluno, mas se destacava no desenho. Monet realizou algumas caricaturas durante sua juventude e suas seguintes obras foram surgindo de acordo com sua passagem em diferentes ateliês, suas moradias, suas vivências. (WILDENSTEIN,2018)

Grande parte do trabalho de Monet está imerso em cenas da natureza, realizadas ao ar livre. O artista tinha também um grande interesse pela água e este elemento uma constante em grande parte de suas obras.

Na pintura de Monet, as tintas eram misturadas direto na tela, a fim de obter efeitos variados. As cores, colocadas lado a lado, muitas vezes são mescladas pelo olhar do observador durante o processo de análise da imagem.

Monet não se preocupava com o desenho, eliminava os contornos e seguia direto para a pintura. Buscava misturar as três cores primárias na tentativa de retratar, com fidelidade, a veracidade do momento. A expressão “*la petite sensation*” era usada para se referir a esta realidade do instante.

Balzi (2009) relata que Monet teria expressado ser necessário decompor a cor para que o espectador pudesse compô-la e assim produzir a impressão da atmosfera. Nas palavras do artista:

Todo quadro é uma encenação da realidade. Uma pintura real é impossível. ... A única maneira de se dar a impressão da realidade é chegarmos a representar a atmosfera; isto que está entre você e eu...” e segue “... e para isso é necessário fragmentar no quadro, com pequenas pinceladas de outras cores, a cor do objeto que estamos representando... (MONET, apud BALZI, 2009, p. 29).

Monet ganhou renome com suas pinturas de repetição sobre o mesmo objeto em diferentes momentos do dia. Diante desta situação conseguiu evidenciar as transformações da luz e da cor sobre o objeto trabalhado.

Suas principais séries foram sobre a Estação Ferroviária de Saint-Lazare, em Paris (1877), a catedral de Rouen (1892-1893), o Parlamento de Londres (1900-1901), as Ninfas (1897-1899) e os Palheiros (1890).

Monet conhecia bem a estação de Saint-Lazare. Tinha muita intimidade com o local e por isso decidiu fazer versões sobre ela. Sua intenção era mostrar a fumaça que saía das máquinas. Dizia ser fascinante, um sonho (SPENCE, p. 13, 1998).

Figura 16- Claude Monet. Chegada do Trem da Normandia, Estação de Saint-Lazare – 1877 - Óleo sobre tela – 60,3 cm x 80,2 cm



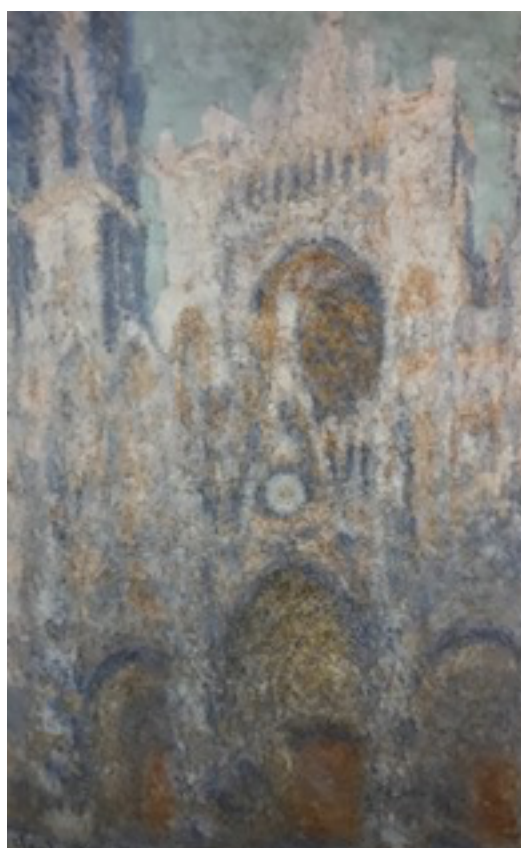
Fonte: Google Arts & Culture

Monet era tão aficcionado pela luz e suas nuances que alugou um estúdio perto da estação para executar esta série. Esteve por lá durante três meses, onde buscou as melhores situações para seu trabalho.

Na obra *Chegada do Trem da Normandia, Estação de Saint-Lazare* (1877), (Fig.16) o pintor usou tons de cinza e azuis, dando a impressão de um dia nublado. As tonalidades de branco e misturas com o azul dão a ideia da proximidade e intensidade da fumaça no ambiente ferroviário. As cores escolhidas na produção também auxiliam no campo de visão da cena.

Podemos ver, à direita, uma pequena área amarelada que expressa luz no ambiente e pequenas manchas escuras na linha do horizonte, que deixa nítido a presença humana no local. Uma riqueza de detalhes onde as cores exercem uma função essencial na expressão do artista

Figura 17- Claude Monet. *A Catedral de Ruão*- 1892 - Óleo sobre tela –
100 cm x 65 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 366

A Catedral de Rouen (Fig.17) foi mais uma das espetaculares séries elaboradas por Claude Monet. Próxima à Giverny, foi o local onde, em junho de 1981, batizaram seus dois filhos.

Sendo Rouen uma província importante da Normandia, local de residência do irmão e de sua meia irmã Marie, o artista se instalou na cidade em fevereiro de 1882, após o falecimento de sua irmã e da consequente aproximação com o irmão Léon. Se aloja em um apartamento vazio em frente à catedral de Rouen, o que lhe permite uma visão privilegiada do local.

Monet dava especial importância à luz e às horas entre o meio dia e as duas da tarde, quando a luz percorria da direita para a esquerda da catedral, proporcionando uma singularidade no seu trabalho. Aí trabalhou até meados de abril, quando regressou a Giverny.

Monet esteve várias vezes em Rouen. Estima-se que “ele mudou o ângulo de visão cinco vezes, procurando novos pontos luminosos e as sombras, enquanto a luz do sol escorria pela fachada do prédio” (SPENCE, 1997, p. 16).

Foram pintados 31 quadros da fachada da catedral, que vieram a alcançar muito sucesso em galerias e exposições. Durante a composição das obras, Monet fez uso de uma extensa gama de cores para expressar o clima, o momento do dia e a luminosidade do local.

Nesta série, a paleta de cores varia entre os tons de cinza, alaranjado, amarelo, magenta e azul, transmitindo as sensações dos momentos em que o artista presenciou a incidência da luz sobre o ponto de interesse.

O dia, a noite, a névoa, a luz do sol e o frio, são retratados com abundância de particularidades. As pinceladas características do pintor associadas à sua sensibilidade de percepção da luz e a variedade de tons utilizados dão um caráter tão realista do momento, que se assemelha a uma fotografia. Segundo o artista:

Estou desenvolvendo uma série de diferentes efeitos, mas o sol desce tão rápido nesta época do ano que não posso prosseguir...Quanto mais eu faço, mais me dou conta de quanto trabalho daria para representar a instantaneidade, acima de todo disfarce, a mesma luz propagando-se à volta.”
(MONET, apud SPENCE, 1997, p. 17).

Figura 18 - Claude Monet. O Parlamento de Londres ao Sol– 1900-1901 - Óleo sobre tela
– 81 cm x 92 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 436

Dentre as várias séries executadas pelo artista, O Parlamento de Londres (Fig.18) apresenta-se como o conjunto de trabalhos em que o artista realiza o estudo da cor e da luz, de dentro do hospital St. Thomas.

Aficionado pela iluminação do sol, Monet realiza esta série sob a estreita margem de luz solar que incide no local, o que muitas vezes o estressa e o fazia finalizar algumas pinturas, em outra oportunidade.

Em um total de aproximadamente 65 pinturas, o clima instável de Londres provocava o aparecimento de inúmeras cores durante a execução de Monet. A neblina da cidade causava um efeito ótico incrível, e nas obras do artista, se tem a impressão de que os edifícios estão sendo desmaterializados.

Nenúfares ou Ninféias é uma série considerada o mais audacioso projeto do impressionismo (KING, 2021, p.03). Esta é mais uma das séries de Monet que apresenta dimensão suntuosa e sutileza peculiar. Sendo a última série de Monet, foi citada por alguns como o seu grande apogeu (SERULLAZ, 1965 p. 66).

Figura 19 - Claude Monet. Nenúfares – 1904 - Óleo sobre tela –
89 cm x 92 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 460

Para a execução destas obras, no ano de 1893, Monet construiu um lugar mágico em seu lote recém comprado em Giverny. (Fig.19) Usando o pântano existente na propriedade junto ao rio Ru, elabora um tanque, onde coloca as ninfeias importadas do Golfo do México, além das presenteadas pelo botânico Joseph Bory Latour-Marliac, da região de Bordeaux. A intenção era possuir muitas variedades para “agradar a vista” (MONET apud KING, 2021, p. 33).

No inverno de 1895 pintou algumas telas, mas logo interrompeu sua produção. Alguns anos depois aumentou o tamanho do tanque, após a compra do terreno vizinho, construindo pontes, plantando mais algumas espécies, dando assim continuidade a sua série.

Palheiros, outra de suas séries, foi elaborada durante os anos de 1988 e 1989. Contudo, anteriormente, os montes de feno já apareciam como coadjuvantes nas obras do artista.

Traduções equivocadas das palavras *Haystacks* (palheiros) e *Heuschober* (medas de feno) e o pouco estudo da história das medas (montes, agrupamentos, montões, punhados) por parte dos especialistas de técnicas agrícolas, levou o monte de trigo coberto por palha a ser chamado de “Palheiro”.

A amplitude desta depende da quantidade de molhos de trigo a conservar, assim como da habilidade do “empilhador”. Quando a construção termina, cobre-se a parte superior com uma camada de palha de centeio que lhe confere um aspecto e uma cor diferentes da parte inferior. (WILDENSTEIN, 2018, p. 311).

Além disso, o formato circular, pouco usual para este tipo de matéria na região de Paris e Normandia, conduziu a uma normatização da imagem como palheiro.

Figura 20 - Claude Monet. Medas em Giverny ao Pôr do Sol - 1888-1889 - Óleo sobre tela
– 65 cm x 92 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 312

Os tons alaranjados presentes na obra identificam determinado momento do dia. (Fig.20) A claridade de um pôr do sol é bem particular. Tanto o horizonte como as medas se apresentam na cor laranja, sendo que na linha do horizonte,

tons azulados marcam uma elevação e a possível presença de montanhas, onde o sol se esconde pela tarde. Um belo instante retratado pelo artista com muito sentimento e perspicácia.

Próximo de sua morte, em 1926, Monet desabafa em uma carta o seu descontentamento com o termo “impressionista”, dado a alguns artistas de sua época:

Tive sempre horror da teoria...tenho apenas o mérito de ter pintado diretamente diante da natureza, procurando representar minhas impressões diante dos efeitos mais fugidios, e fico desolado de ter sido a causa do nome dado a um grupo do qual a maior parte nada tinha de impressionista.
(MONET, apud SERULLAZ, 1965, p. 67).

O legado da obra de Monet, a partir de suas séries, reafirma o interesse deste artista em traduzir nas pinturas suas percepções sobre temporalidade e os efeitos que a luz promovia nos objetos alterando as suas cores, em função dos diferentes momentos do dia.

2.3 Cor, luz e temporalidade na série Palheiros

Como apontado anteriormente, Palheiros é o nome de uma série de pinturas impressionistas do artista Claude Monet. Composta por 25 telas, retratam pilhas de feno que começam a ser pintadas no verão de 1890 e terminam na primavera do ano seguinte. Monet fez uso da colheita daquele ano para executar uma temática de repetição, onde mostra as diferenças na percepção da luz através do passar de várias horas do dia, estações, e tipos de clima. As pinturas foram executadas nos campos perto de sua casa em Giverny, na França.

Figura 21 – Medas vistas da casa de Monet em Giverny – Fotografia de época



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 337

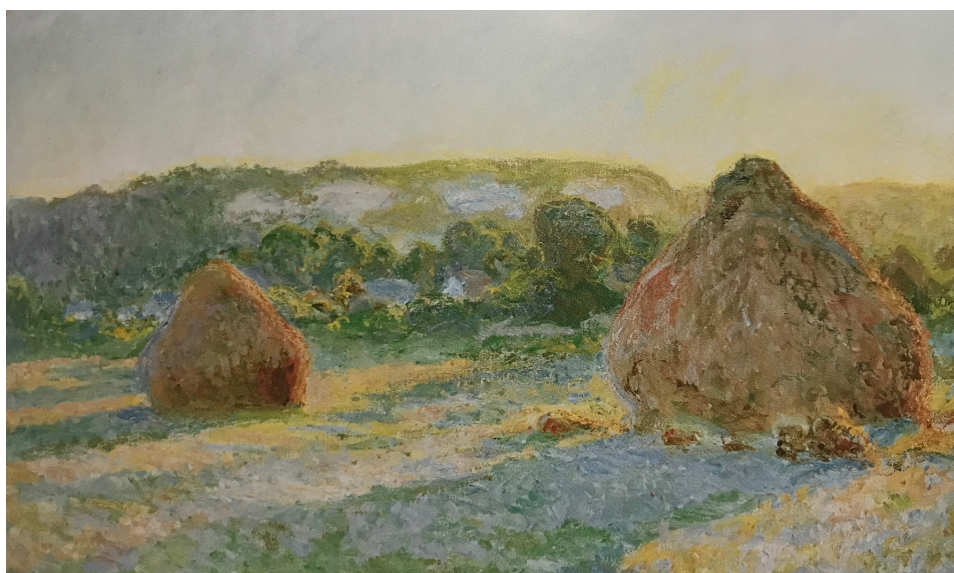
Figura 22 - Claude Monet. Medas de feno ao pôr do sol, 1890 – 1891, Óleo sobre tela, 73 x 92 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 346

Esta obra (Fig.22) apresenta uma combinação de cores decorrente da incidência do sol no monte de feno em um momento específico do dia, e, através das cores utilizadas, pode-se supor o poente solar, com pouca presença de luz. Pelo tamanho que toma na tela podemos evidenciar a proximidade que o pintor estava quando executou esta pintura. A delicadeza da obra transmite uma realidade tal que parece uma tapeçaria. Localizada à esquerda da cena, apresenta maior vibração de cores na parte baixa, em tons alaranjados, indicando um sol poente.

Figura 23 - Claude Monet. Medas de Feno no Fim do Verão a Tarde,
1890, Óleo sobre tela, 60 x 100 cm

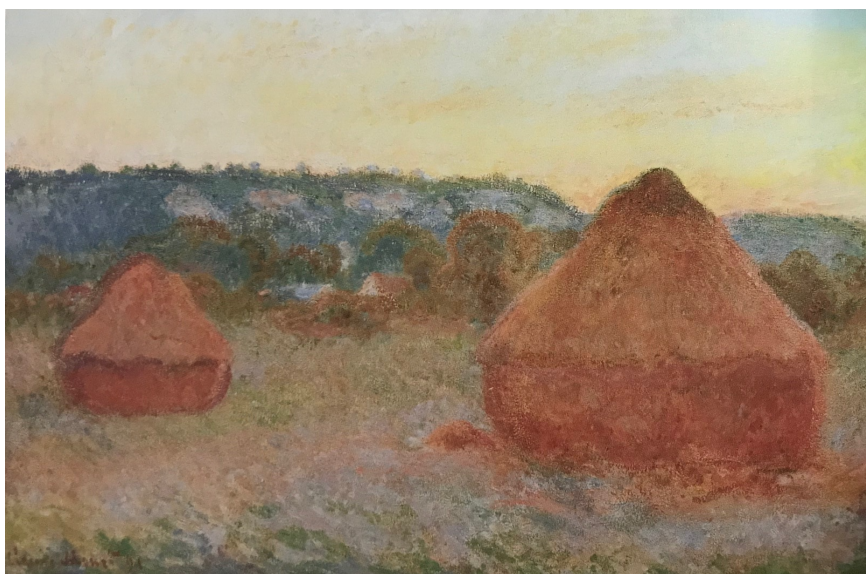


Fonte: Wildenstein, 2018, p. 339

Nesta obra, (Fig.23) iluminada pelo sol poente, as medas se apresentam distanciadas com um curioso jogo de sombras e tonalidades sem muita vibração. Por apresentarem tamanhos distintos, percebemos uma amplitude de campo de visão, dando a impressão de grandiosidade do espaço retratado. Nas montanhas, ao fundo, se percebe uma luz rebaixada, mas que ainda brilha, retratada em tons de amarelo e alaranjado, condizentes com o final de mais um dia. As pinceladas

do artista dão um toque aveludado à obra. A direção da sombra identifica o oeste da cena.

Figura 24 - Claude Monet, Medas de Feno no Outono, 1890,
Óleo sobre tela - 65 x 100 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 340

A iluminação habitual do outono, em tons variados, foi exibida na obra acima. (Fig.24) O artista usa uma paleta de amarelos e alaranjados no horizonte da paisagem, o que identifica o pôr do sol. As medas se apresentam em posições distintas, distanciadas e em tamanhos diferentes dando a impressão de campo de profundidade amplo. Acompanhadas de uma suave sombra sobre o solo num ambiente vermelho alaranjado, se presencia um típico ambiente da estação outonal.

As mudanças percebidas nas 25 pinturas que compõem esta série, mostram a sutileza nos detalhes que o artista conseguiu aplicar, transmitindo toda a delicadeza e objetividade nas mudanças climáticas e de horários a que estavam submetidas.

É importante ressaltar que as pinceladas executadas são parte de um todo que, à distância, formam imagens que revelam a impressão do artista no momento exato em que pintou.

A relação entre a luz que incidia no momento da feitura da obra e a cor escolhida pelo artista são detalhes fundamentais na composição da obra. A percepção visual de Claude Monet ante a situação é uma determinante na singularidade da mencionada série. Neste sentido, devemos lembrar que:

Uma cor, ou uma composição de cores, pode significar algo completamente diferente para cada pessoa que olha para ela. Por isto poderíamos dizer que a cor não é simplesmente formada no olho. (FRASER e BANKS, 2013, p. 10)

Monet passou um ano trabalhando nesta série. Através da cadência de suas pinceladas se tem a oportunidade de perceber sensações do clima em diferentes estações do ano, que foram projetadas nos montes de feno apresentados. A luz, que era presença nas diferentes situações, causava espetáculos variados, que eram captados por Monet e materializados em cores, inserindo seu toque personalizado dentro da sua subjetiva percepção das cores.

Para o artista, a percepção da incidência da luz era elemento primordial na execução da sua obra. A cor escolhida dependia da sua observação ante o local e o horário estabelecido para compor o trabalho. As rápidas pinceladas, as misturas cores e de tons, a iluminação do instante e a retratavam uma variedade de nuances atmosféricas que eram percebidas.

Essa interpretação da cor dependia do momento do dia e da estação do ano que se presenciava. A atmosfera da passagem do dia, do tempo é claramente identificada na elaboração desta série. A técnica usada por Monet, em conjunto com sua sensível percepção da luz e uma incessante busca da realidade do momento vivido, o levou à uma produção muito explícita neste tema e nessa abordagem:

A luz é, assim, a grande intermediária entre a natureza e o homem. Ela apresenta todos os detalhes à percepção do ser humano numa multivariada gama de sensações visuais coloridas ou não. (FARINA, PEREZ, BASTOS, 2006, p. 27)

Nas pinturas de Monet, a questão da luz, elemento fundamental que interfere na concepção do cenário colorido e iluminado, influencia na escolha dos tons que dão vida à obra. Uma sensação que absorve quem contempla a obra causando perplexidade ante a estratégia do artista na retratação subjetiva do momento. O sentido que o artista alcança nas suas obras é fruto de muita observação, experimentação e busca de autenticidade na execução dos trabalhos.

Figura 25 - Claude Monet. Medas de Feno Cobertas pela Neve na Madrugada, 1890-1891, Óleo sobre tela - 65 x 92 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 345

Na pintura acima, (Fig.25) podemos ver a sombra azulada determinada pela luz incidente que identifica a posição do sol. A meda aparece em destaque à esquerda da obra e insinua proximidade. O artista buscou mostrar um dia de inverno, com um pouco de iluminação fria numa combinação de azul, violeta e amarelo para criar a atmosfera fria da estação representada.

Os tons mais quentes usados no monte de feno reforçam o contraste de temperaturas estrategicamente criado por Monet. Uma paleta de cor que aciona a relação entre as cores primárias e suas complementares, na busca do equilíbrio que dá a essa obra uma dinâmica perfeita de temporalidade.

Figura 26 - Claude Monet. Medas de Feno, Neve, Céu Coberto,
1890-1891, Óleo sobre tela - 48 x 63 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 34

Nesta obra (figura 26), percebemos um cenário com pouca iluminação, com cores rebaixadas que transmitem a ausência da luz solar. O palheiro à esquerda, ganha destaque e evidencia uma proximidade da cena retratada. A montanha ao fundo, definida com tom azulado e algumas áreas claras, insinuam a presença de neve, assim como nos telhados das casas posicionadas no horizonte.

Em um ambiente nublado, com neve por todo lado, retratada pela cor branca da cena, há pouca vegetação presente na cena. Em destaque aparece o palheiro, posicionado na parte esquerda da composição, determinando forte contraste entre os elementos da pintura, em tom marrom avermelhado para retratar as palhas secas e queimadas pela temperatura gelada.

Figura 27 - Claude Monet. Medas de Feno Cobertas de Neve, 1890-1891,
Óleo sobre tela - 60 x 100 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 341

Já na obra acima, (Fig.27) o branco traduz um inverno intenso. O esfumado no horizonte causa a impressão de queda de neve e um entardecer opaco e com restrita visibilidade. As medas são retratadas de forma diagonal, em tonalidade mais escura, cores terrosas, mostrando a diminuta iluminação durante esta estação.

A noção de frio da obra se dá pelo jogo de tonalidades que contrastam os montes nevados em tons azulados ao fundo. E os palheiros, em primeiro plano, posicionados em acentuada perspectiva para reforçar a sensação de profundidade.

O encanto que envolve a percepção da passagem do tempo através das cores e da luz aplicada nesta série se deve ao caráter pessoal imposto pelo artista, que expressa seus interesses estéticos de forma muito subjetiva e particular.

Monet sabia que o presente se convertia em passado num piscar de olhos, e para conseguir retratar determinado instante precisava executar sua tarefa de maneira imediatista e urgente.

Os minutos passavam e os momentos luminosos aos quais o artista desejava retratar aguçaram sua percepção, forçando-o a ser muito ágil na sua produção. As obras surgiam e mostravam uma temporalidade. O trabalho minucioso e preciso do artista se deve a uma obcecada busca de tonalidades em função dos efeitos da luz, além de estudos rigorosos sobre o tema, o que nos oferece muita delicadeza e detalhe nas pinturas.

Figura 28 - Claude Monet. Medas de Feno Cobertas de Geada Branca, 1890-1891, Óleo sobre tela - 65 x 92 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 343

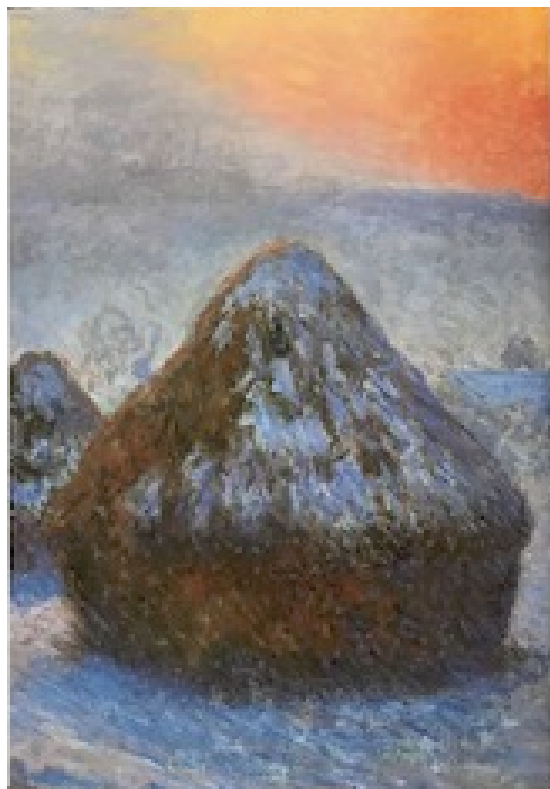
Em Medas de Feno Cobertas de Geada Branca (figura 28), na área que envolve as medas, a luz solar se faz presente pelos tons de amarelo e laranja percebidos no céu, nas montanhas e no solo, proporcionando uma densa sombra definida pelas cores azul e violeta. A neve toma conta do cenário transmitindo a sensação de frio num dia com pouca iluminação solar. A posição das medas mostra um distanciamento, declarado pelo tamanho das mesmas, manifestando a extensão do ambiente.

Apesar das mudanças e sucessões temporais em que se organiza a sequência dos acontecimentos, Monet pintava sem pressa a fim de conseguir retratar com maior verdade a sua observação do instante vivido, como percebemos em sua reflexão:

Trabalho com lentidão tal que me desespero, mas mais faço, mais vejo que é necessário trabalhar muito para chegar a exprimir o que procuro: a “instantaneidade”, sobretudo aquilo que a envolve, a mesma luz espalhada por toda parte... (MONET, apud SERULLAZ, 1965, p. 63)

Na série Palheiros as composições são sempre surpreendentes, e em cada pintura o artista busca posicionar os montes de feno de forma a dar dinamismo visual às cenas representadas. Segundo Wildenstein, a disposição das medas tinham um enquadramento bem localizado que permitia certos efeitos da luz (WILDENSTEIN, 2018, p. 350).

Figura 29 - Claude Monet. Medas de Feno, Neve, Pôr do Sol 1890-1891,
Óleo sobre tela - 65 x 100 cm



Fonte: Wildenstein, 2018, p. 342

A obra Medas de Feno, Neve, Pôr do Sol (figura 29) , retratada em forma diagonal, percebemos a dimensão do ambiente e as leves sombras decorrentes de uma iluminação já diminuta. A luz solar constatada no alto da diagonal direita transmite uma luminosidade radiante em tons de laranja, que dão claramente a impressão de sol forte na tarde de inverno.

Durante o processo de execução da série, Monet foi auxiliado por pessoas que entendiam as circunstâncias de seu trabalho. Monet utilizava inúmeras telas, que eram empilhadas próximas a ele, para que pudesse alcançar sem perder o instante.

Claude Monet com toda sua sensibilidade e experiência soube exibir matizes e modulações tonais, mostrando uma peculiar intuição sobre a natureza.

3 EXPERIMENTAÇÕES EM COLAGEM SOBRE O TEMA TEMPORALIDADE

O trabalho prático proposto nesta etapa do desenvolvimento dessa pesquisa foi desenvolvido na linguagem da Colagem.

Partindo das análises efetuados no desenvolvimento dos capítulos anteriores, esta proposta buscou evidenciar a importância da cor, através da técnica colagem, a fim de encontrar formas expressivas para retratar a temporalidade e a passagem do tempo, e relacionando com algumas questões percebidas nas obras de Monet abordadas neste estudo.

3.1 A Colagem como Linguagem

A Colagem como linguagem artística tem sua origem na história antiga, entretanto ganha valor artístico no século XX, quando utilizada no Cubismo. O Cubismo foi o primeiro movimento das vanguardas europeias e surgiu em 1907, com uma obra muito significativa de Pablo Picasso, As Senhoritas de Avignon. (Fig.30)

Figura 30 - Pablo Picasso. As Senhoritas de Avignon, 1907, Óleo sobre tela -
244cm x 234 cm



Fonte: museuvirtual.com.br

Cercado por inovações tecnológicas, o Cubismo esteve envolto por muita tensão que precedia a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Suas principais características são o geometrismo, o negar do academicismo, a distorção da realidade, formas inacabadas e a fragmentação. Como principais representantes encontramos Pablo Picasso e George Braque na pintura; Igor Stravinsky, na música, e Raymond Duchamp-Villon e Pablo Gargallo na escultura.

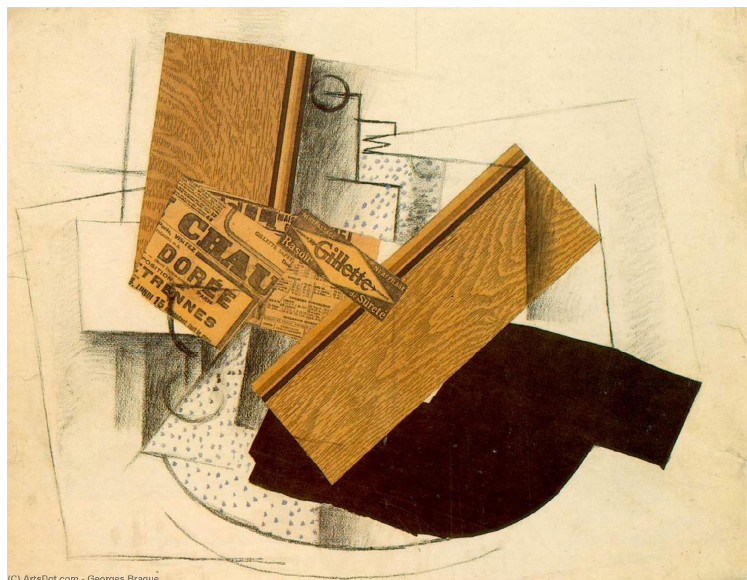
No Brasil, alguns pintores modernistas aderiram ao Cubismo. Entre eles estão: Tarsila do Amaral, Cândido Portinari, Anita Malfatti e Ismael Nery. Na literatura se destacou Oswald de Andrade.

O Cubismo se dividiu em três fases. A primeira fase seria a Primitiva, onde se trabalhavam planos largos, simples e volumétricos. Em seguida o Cubismo Analítico, que tinha sua expressão na decomposição de objetos e monocromatismo. E finalmente, a fase do Cubismo Sintético, com uma grande representação pelas cores e as colagens.

A Colagem é uma técnica que consiste em harmonizar diferentes materiais em diferentes suportes para obter planos de cor e criar objetos. A partir de diferentes recortes, de fotografias, papéis, tecidos e texturas, superpostas ou não, se dá a criação de um motivo ou imagem.

Técnica utilizada por Pablo Picasso (1881-1973) e George Braque (1882-1963) era, até então, tratada como atividade de criança, manifestação popular, sem fundamentos críticos. Através dela conseguimos combinar uma diversidade de técnicas, como por exemplo, a pintura e o recorte de papéis, ou a pintura e o desenho.

Figura 31 – Georges Braque, Natureza morta sobre uma mesa: gillette, 1914, carvão, papel colado e guache, 48 x 62 cm



Fonte: FARTHING, 2010, p. 391

Segundo Picasso, “o objetivo da colagem era de mostrar que materiais diferentes poderiam entrar na composição para se tornar uma realidade no próprio quadro, uma realidade distinta da natureza” (PICASSO *apud* GIANNOTTI (org.), 2012, p. 118).

A colagem faz com que a vida cotidiana se torne assunto da arte. Não é apenas um papel cortado, rasgado...um suporte qualquer. A colagem incorpora elementos insignificantes, que ainda não faziam parte da esfera artística, formando uma composição onde as linhas se libertam, a cor surge com destaque, o preto e o branco já não são mais suporte das inúmeras cores.

3.2 Definindo a Colagem como expressão artística pessoal

Para explicar o processo para alcançar o trabalho final se faz necessário citar que este foi composto por várias etapas.

Figura 32 - Material para colagem, 2021



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Segundo Moore (2018), a colagem é relativamente uma arte jovem. Ela permite que se corte, remonte e crie. Mas ela não para no corta e cola. Se pode misturar tradicionais técnicas de cortar e colar com a pintura, com faixas, fios, renda, metais, tecidos, etc.

Através da colagem se pode dar vida a objetos descartáveis e obsoletos, transformando-os em arte, sendo também possível a combinação com a arte digital. Com estas possibilidades é factível rasgar, queimar, destruir, desenhar, criar camadas, costurar, entre outras, criando um trabalho cheio de inovação, estilo e combinações.

A técnica da Colagem exige algumas ações que conectadas levam a um vasto campo de possibilidades. Este procedimento requer estudo e carinho como todas as outras técnicas artísticas. Sua prática exige conhecimento e compreensão de um universo repleto de detalhes que conduzem a uma expressividade carregada de nuances e sutilezas.

Técnica inovadora, a Colagem é um campo fértil para uma discussão contemporânea. As conexões, os recortes, a criação são determinados pelo olhar subjetivo do artista, que através do estudo do tema escolhido busca, observa, corta, recorta e cola materiais diversos, na expectativa de construir um trabalho artístico.

Para Moore (2019-8), a colagem permite uma confusão na sua criatividade. Ela proporciona uma justaposição disparada de elementos, estilos e mídia, um

contra o outro, criando algo inédito, bizarro, que chama a atenção, bonito, irônico e inquietante. Velho e novo podem ser fundidos e combinados, digitalmente ou manualmente.

Com o agravamento da pandemia e a adoção de aulas remotas desde o primeiro semestre de 2020, meu percurso na pesquisa e elaboração do meu TCC exigiu uma dedicação diferente daquela quando ainda estávamos em aula presencial.

Apesar da distância, o desempenho remoto foi acompanhado de muita disciplina e interesse. É uma etapa que requer muita atenção e trabalho individualizado, onde a investigação, a leitura, e a escrita te acompanham cotidianamente.

A condução do trabalho, de maneira distanciada, foi um desafio que a princípio parecia inalcançável. Pouco a pouco, o tema, os textos, a orientação, os cursos, o planejamento e toda a caminhada foi fazendo sentido. Neste contexto, o processo se conecta de tal maneira que o assunto passa a ser parte de todas suas atitudes. Durante o estudo, a captação de informações, enxergar em tudo um motivo de pesquisa, dormir e acordar pensando no tema, foram alguns dos episódios frequentes no dia a dia deste percurso de pesquisa. Qualquer novo conhecimento me mantinha alerta para adquirir dados para a elaboração da narrativa científica.

O exercício de anotar toda a trajetória da composição e da narrativa se faz muito útil, já que as ideias vão e vem, são esquecidas, e algumas vezes relevadas, mas fazem parte de um conjunto entremeado de pedacinhos, se assemelhando a um quebra cabeça, que adquirem significação por meio de muito labor e devoção.

A Colagem como técnica artística vem ilustrando minha vida há muitos anos. Pequenos pedaços de papel que colava em meus cadernos da escola, enfeitando e agregando valor às minhas tarefas escolares já faziam parte de minhas atividades artísticas de criança e adolescente. Entretanto, meu processo de escolha da colagem como técnica para o trabalho de conclusão passa por experiências anteriores, por muita cor, muita cola, muitas propostas.

Na minha memória surgem lembranças das minhas coleções de etiquetas de lojas, dotadas de muita arte e cor e que acumulava em um caderninho simples,

que guardo até os dias de hoje. Além disso, o sonho de ser atriz fez da minha adolescência uma frenética colagista de fotos de artistas famosos, sobrepostas em páginas, que alimentavam minha ilusão profissional e alegravam minhas horas livres.

Era uma grande emoção folhear revistas, escolher as melhores poses, recortar e colar estrategicamente em forma de álbum de fotografias. Até mesmo meus cadernos de matérias eram repletos de figuras coloridas, margens, letras e desenhos que sempre davam um toque personalizado a toda a minha trajetória.

Figura 33 - Caderno 4º ano - 1975



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 34 - Caderno 4º ano – 1975



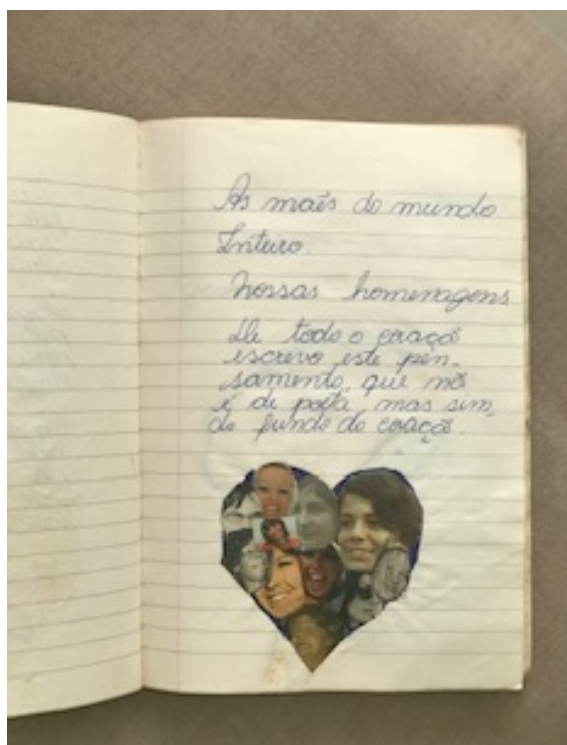
Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 35 - Caderno 4º ano – 1975



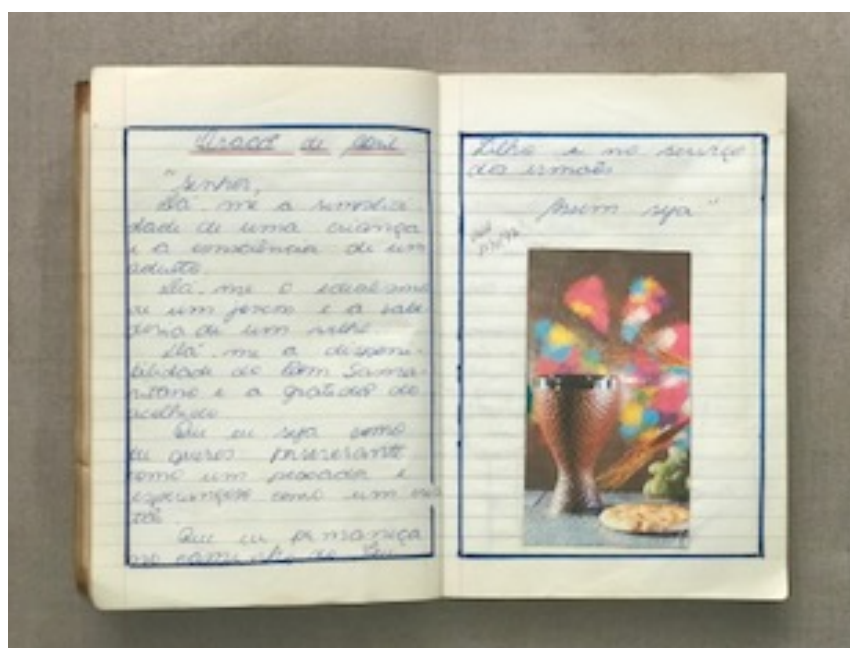
Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 36 - Caderno 6º ano – 1977



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 37 - Caderno 6º ano – 1977



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

O amadorismo das colagens mostra a inocência de uma idade onde o mundo ainda era um mistério e ao mesmo tempo uma liberdade de expressão onde a crítica ainda não pesava sobre meu processo. Acredito que estas primeiras experiências foram o prelúdio de atividades que realizei mais tarde.

Com o passar do tempo, meu interesse notório pelas atividades artísticas foi interrompido em função de outros caminhos que foram surgindo na minha vida. Tomei o rumo dos esportes e os cadernos, álbuns e as colagens lúdicas foram para o fundo da gaveta.

Apesar disto sempre fui aficionada pelo mundo das artes. Originária das Minas Gerais, a visita à museus, às cidades históricas, parques, cinema e teatro infantil foram bastante incentivadas pela escola pública que frequentava e pela própria família, que fez questão de apresentar e viajar por diferentes lugares, o que agregou muito conhecimento e motivou o interesse e gosto pelas atividades artísticas.

Já mais adulta, apaixonada pelo namorado, preparei um lindo álbum com imagens referentes ao nosso romance. Algo muito pessoal, mas que ainda hoje guardo como recordação de momentos muito especiais.

Figura 38 - Álbum de recordações – 1989



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 39 - Álbum de recordações – 1989



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 40 - Álbum de recordações – 1989



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 41 - Álbum de recordações – 1989



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 42 - Álbum de recordações – 1989



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Na minha formação, além da primeira graduação em Educação Física, participei de cursos de Decoração, Desenho de Interiores, Organização de eventos, maquiagem profissional, entre outros.

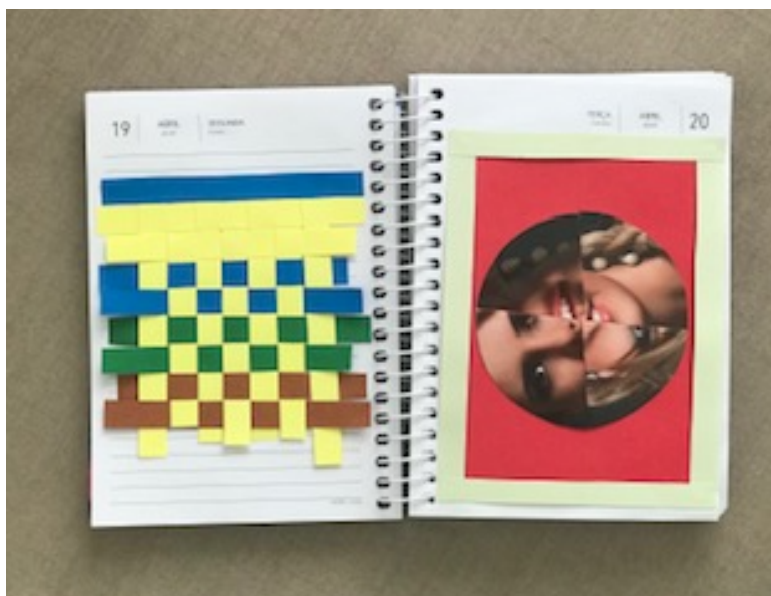
Somado a tudo isto tenho o hábito de fazer de minhas agendas relatos do meu cotidiano. Há aproximadamente 20 anos venho preenchendo meus registros anuais com anotações, bilhetes, tickets, cartões e mensagens que surgem no dia a dia, adornando as páginas do diário, construindo uma colagem da minha vida. Assim vou criando uma série semanal, mensal, onde os detalhes da minha rotina são colados carinhosamente com um esmero parecido a um artista na realização de sua obra.

Figura 43 - Agenda 2021- Colagens



Fonte: Fotografia de Arianne Silveira

Figura 44 - Agenda 2021- Colagens



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Tudo isto é muito fantástico! A criação, a memória proporcionada, o sentimento expressado nestas agendas causam uma emoção inexplicável. A profusão de cores, os contrastes criados, e o enredo proposto se assemelham a um livro autobiográfico.

Todo este percurso veio a enriquecer meu repertório, justificando também minha paixão pelos estudos e a pesquisa, conduzindo-me ao curso de Artes Visuais – Bacharelado, o que vem a consagrar uma caminhada longa, entrecortada por inúmeras experiências.

Minha passagem na UFMS é repleta de saberes. As inúmeras disciplinas trouxeram um aprendizado que me fez romper barreiras e superar limitações que cheguei a acreditar que seria impossível. Coincidência ou não tive algumas oportunidades de executar colagens em distintos trabalhos nas diversas disciplinas ofertadas pelo curso.

Concomitantemente ao curso de Artes Visuais venho realizando atividades extracurriculares, como é o caso do grupo de estudo do artista Nino Cais e do curso de Colagem no Instituto Tomie Ohtake. Em ambos os casos, as atividades são online, já que por questões sanitárias causadas pela pandemia do COVID-19,

as aulas são via internet. Quero salientar que a oportunidade de participação nestas atividades só se faz possível pela disponibilidade online dos mesmos.

O ensino proporciona uma riqueza de aprendizado, uma troca franca entre artistas e um incremento no traquejo da atividade da Colagem. Vale dizer que o legado deixado pela metodologia do curso na UFMS também foi de fundamental importância na consistência da pesquisa e da elaboração do trabalho.

Para a apresentação prática referente à narrativa do estudo, fiz uso da técnica da fotografia como primórdio da execução da Colagem. Através da fotografia a análise da cor e da luz, que são foco desta pesquisa, se fez possível, auxiliando a observação e servindo de apoio à técnica principal do trabalho: a Colagem.

O percurso da Colagem me levou a um sem fim de experimentações que proporcionaram reflexões sobre elementos importantes da composição das obras de Monet, contraste, cor, luz e criatividade, que se apresentaram de muita valia na minha apresentação artística final.

A Colagem requer uma gama de ações que conduzem a um vasto campo de possibilidades. As conexões são baseadas no olhar subjetivo do artista, que de forma explícita ou metafórica proporciona uma caminhada instigante para quem a prepara e para quem a observa.

O exercício de procurar a imagem, olhar, selecionar, recortar, organizar e colar proporciona uma viagem a um mundo fictício onde a subjetividade dá asas, aguça a criatividade, e amplia os horizontes. Entre um exercício e outro, uma colagem, recortes e afazeres diários a narrativa vai sendo construída, sofrendo adequações e reajustes que declaram o conhecimento adquirido e as experiências vividas.

Buscar, recortar, analisar, montar, colar foram executados inúmeras vezes buscando um conceito, um enredo e uma mensagem condizente com o objetivo do trabalho. Estes trabalhos foram realizados em suporte de papel A3 e A4, na técnica da colagem, pintura e lápis de cor.

A trajetória neste estudo exigiu uma dedicação e uma busca de significação no discurso do tema. Como intenção principal, busco evidenciar o valor da luz e da cor na expressão pictórica e fazer alusão à série descrita na

narrativa do TCC. A efemeridade do tempo é discutida entre papéis e tesoura mostrando a imensidão de recursos que a colagem promove.

Figura 45 – Experimentos em colagem s/ título



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 46 – Experimentos em colagem s/ título



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Durante as experimentações busquei agregar técnicas, papéis e texturas diferentes às colagens. No trabalho acima a costura constrói uma linha do

tempo, em contraste com a cor dos papéis utilizados, unindo imagens, buscando realizar uma representação de uma passagem de gerações.

Figura 47 – Experimentos em colagem s/ título



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

As diferenças nas tonalidades e o tamanho das peças transmitem intensidade de cor, percurso e aproximação. As experiências trazem informações sobre como tratar o papel e as possibilidades na construção de um tema.

Figura 48 – Experimentos em colagem s/ título



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

As árvores presentes na natureza apresentam cores de acordo com a incidência solar. No trabalho acima, luz e cor conectadas transmitem a idéia da claridade que incide nas ramas, demonstrando as tonalidades diversas.

Figura 49 – Experimentos em colagem s/ título



Fonte: Fotografia de Arianne Silveira

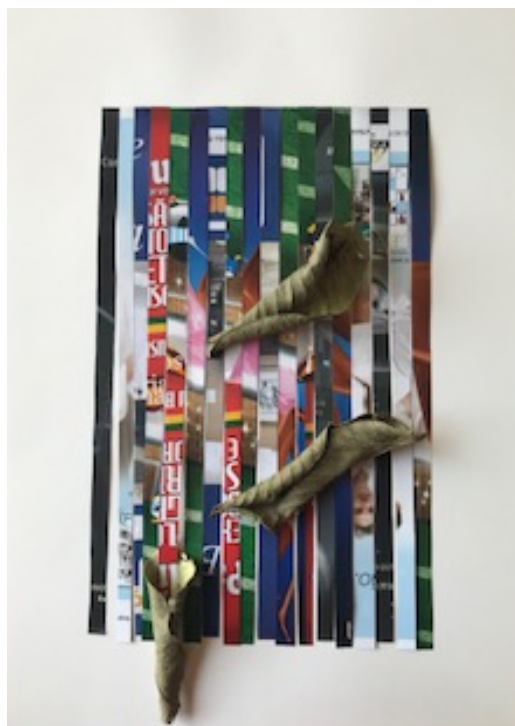
A diversidade de papéis usados e as cores existentes na imagem acima identificam a diferença entre tons e luminosidade. Com o decorrer da pesquisa, com as experimentações sugeridas, com o avanço dos cursos que participei, além da influência de novos artistas que fui conhecendo, a ideia das tramas na elaboração do projeto artístico surge de maneira surpreendente, de tal maneira que de forma metafórica vão dando corpo à proposta descrita.

Figura 50 – Experimentos em colagem s/ título



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 51 – Experimentos em colagem s/ título



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

As cores, os contrastes, a ideia da imagem começam a fazer mais sentido na montagem do trabalho. As tramas em linhas verticais, o uso de folhas secas, mostram uma diversidade de tons e possibilidades que dão movimento e declaram uma amplitude de materiais passíveis de serem utilizados nas colagens.

Figura 52 – Experimentos em colagem s/ título



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Figura 53 – Experimentos em colagem s/ título



Fonte: Fotografia de Arianne Silveira

4 A SÉRIE DE COLAGENS “CORES E TEMPO”

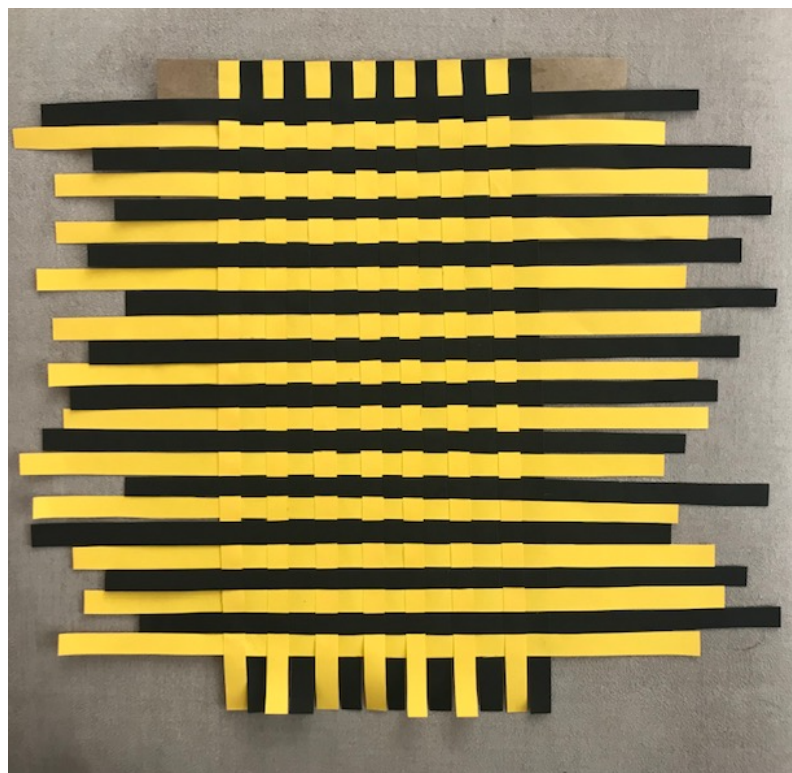
As práticas que foram sendo experimentadas durante a trajetória trouxeram uma certa intimidade com o papel. No transcorrer da pesquisa foi possível perceber a importância das cores e a luminosidade que os encontros dos materiais causam no preparo da colagem. As tramas trabalhadas anteriormente, de maneira metafórica, visam contextualizar todo o percurso da narrativa.

O trabalho artístico referente ao estudo executado no TCC de minha autoria, intitulado “*CORES E TEMPO*” foi preparado depois de análises específicas sobre o tema da cor e da luz na expressão artística, e de uma maneira figurativa tratará do assunto da passagem do tempo de forma muito sutil e delicada.

Os trabalhos, realizados em 2021, foram confeccionados em folhas de papel cartão colorido, 120 gramas, que através de recortes e sobreposições conduzem a uma construção muito subjetiva.

A decisão pelas tramas como formato de composição se explica pelo apreço ao corte, recorte e colagem de papéis, que na realização dos encontros das cores se fez possível a transmissão de luz, temporalidade, inovação e expressividade pessoal. Os trabalhos medem aproximadamente 30 x 30 cm, com pequenas variações devido a detalhes próprios da confecção de cada um.

Figura 54 - Dia e noite – Papel cartão e cola – 30 x 30 cm

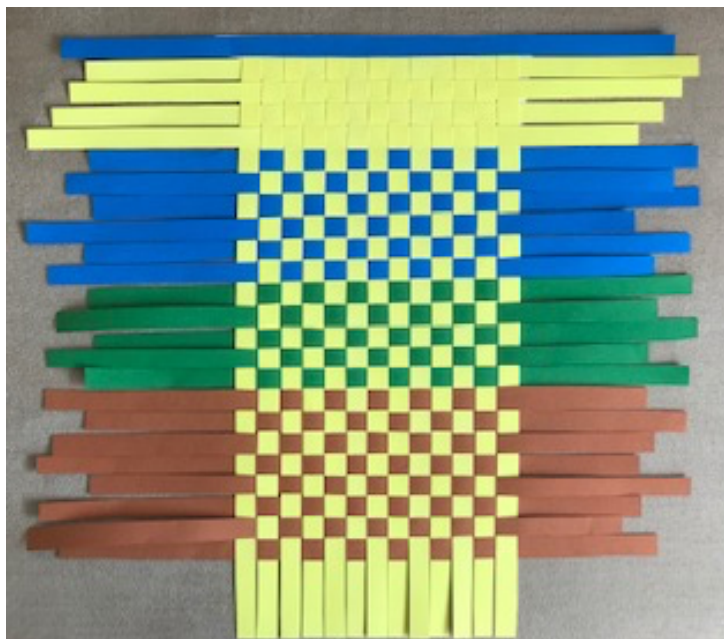


Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

A ideia para este trabalho surgiu pelo contraste criado pelas duas tonalidades de papel. (Fig. 54) O preto, sendo o resultado da mistura de todas as cores, segundo a teoria das cores, representa o mistério, a noite, e a escuridão. Em contrapartida aparece o amarelo, cor primária, que transmite energia, simboliza o sol, calor e o dia. “O efeito perceptivo produzido é de comunicação de vibração” (CSILLAG, p. 76, 2015).

Através desta colagem uso essas cores para expressar o dia e a noite, momentos efetivamente marcantes em uma vida cotidiana.

Figura 55 - Sol na natureza - Papel cartão e cola– 30 x 30 cm

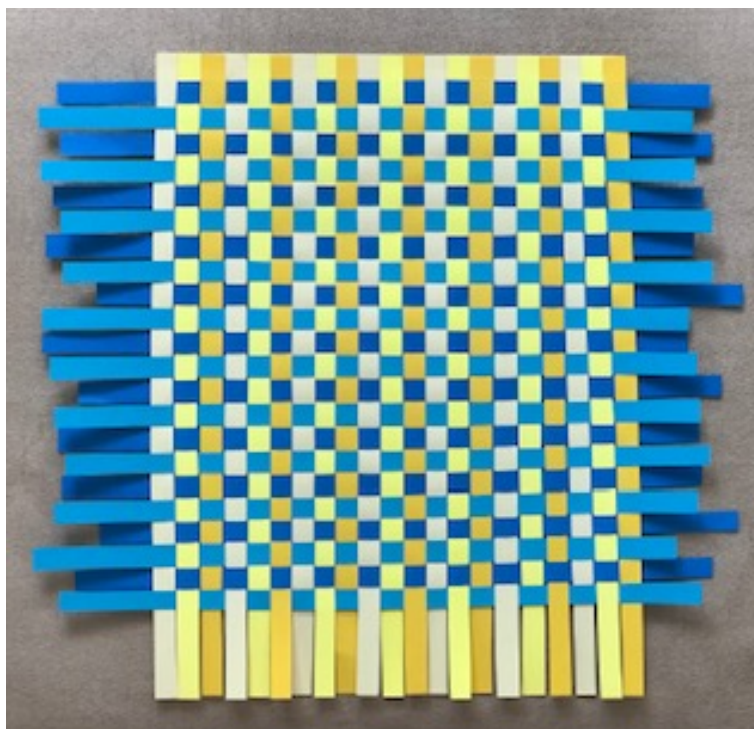


Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Nesta colagem (Fig 55) aparece reincidentemente, o amarelo expressando a luz, o sol em contraste com outras cores, como o azul, o verde e o marrom. A combinação se faz viável já que são cores primárias, acompanhadas de cores secundárias e terciárias.

Metaforicamente a intenção é mostrar os raios de sol incidindo sobre a natureza durante o dia. É o encontro da luz solar na atmosfera, nas matas e na terra.

Figura 56 - Tonalidades - Papel cartão e cola – 30 x 30 cm



Fonte: Fotografia de Ariane Silveira

Neste trabalho (Fig. 56) realizei a trama com cores primárias em tonalidades diferentes criando um contraste de matizes que foram clareados ou dessaturados. Podemos perceber que a luminosidade alcançada varia de acordo com a saturação da cor apresentada.

Esta trama tem como intenção mostrar as variações de tons na atmosfera e dos raios solares, e retrata através da variação da cor das peças da trama a intensidade dos raios solares em diferentes momentos do dia.

Figura 57 – 24 horas - Papel cartão e cola – 30 x 30 cm

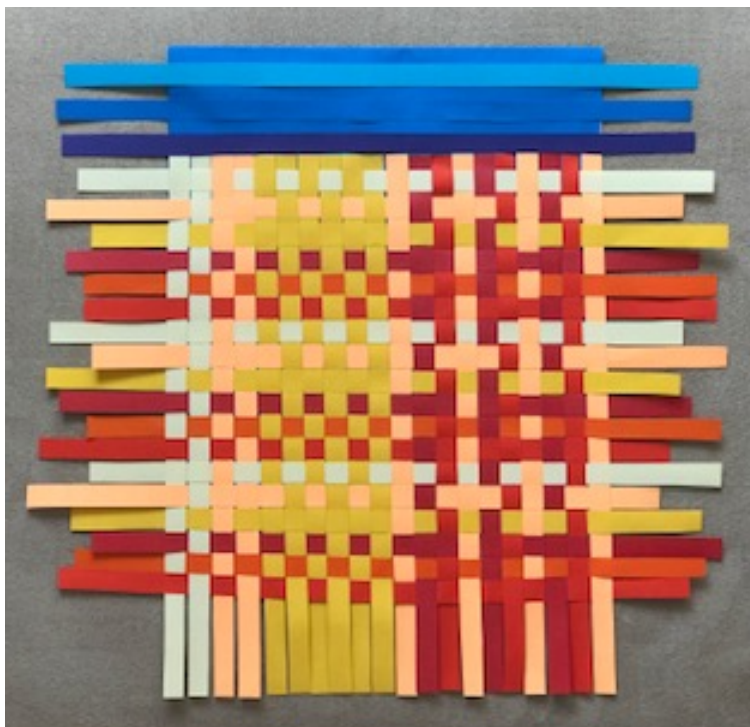


Fonte: Fotografia de Arianne Silveira

No decorrer da criação das tramas as ideias vão se conectando e se fez necessário a preparação de um trabalho onde expressasse o dia completo. (Fig. 57) As variações luminosas do dia, representada pelos tons de amarelo e vermelho (cores primárias), seguidas da cor preta, cria um contraste e divide o olhar sobre a obra.

Os tons variados de amarelo buscam expressar as variações luminosas durante o dia, assim como os tons de vermelho retratam uma intensidade ainda maior de um determinado horário. O preto, referindo-se à escuridão identifica a noite que sofre a interferência luminosa da lua e da iluminação artificial de algumas regiões.

Figura 58 - O dia - Papel cartão e cola – 30 x 30 cm



Fonte: Fotografia de Arianne Silveira

A vibração luminosa causada pelo encontro de cores primárias em tonalidades distintas dirige o olhar para o encontro de tons de vermelho, onde a trama busca enfatizar a ascendência da sensação de brilho e calor. (Fig.58)

O encontro de três cores primárias, apesar de apresentarem saturações diversas, causam um contraste proposital, onde com o azul se busca marcar a atmosfera, os tons de amarelo, os primeiros raios solares da aurora, e a intensidade do encontro de vermelhos determina a energia solar de algumas horas do dia, tão pujantes em algumas estações do ano.

Figura 59 - Arco íris – Papel Cartão e cola – 30 x 30 cm

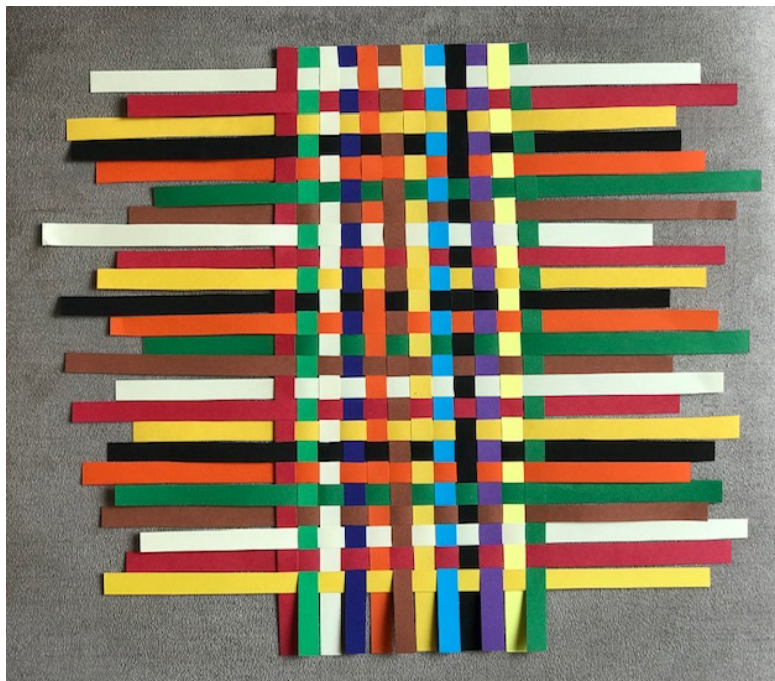


Fonte: Fotografia de Arianne Silveira

O arco íris é uma manifestação da natureza, onde a luz do sol passa pelas partículas de água suspensas e estas refletem cores que formam um arco multicolorido de sete cores. (Fig.59)

Esta trama surge com a intenção de mostrar mais uma vez a influência da luz na presença das cores. Esta forma de arte figurativa busca de maneira estilizada representar uma manifestação da natureza.

Figura 60 — Anno — Papel Cartão e cola — 30 x 30 cm



Fonte: Fotografia de Arianne Silveira

Este trabalho, intitulado *Anno*, (Fig.60) utiliza o papel colorido em tiras para fazer uma composição, determinando através das misturas de tonalidades o tema mencionado durante toda a narrativa.

Metaforicamente a colagem sugere a passagem anual do tempo, inspirado na série *Palheiros*, do artista Claude Monet, que teve na sua preparação a duração de um ano. Além disto, percebe-se doze tiras verticais multicoloridas, que representam os meses e as horizontais em sete cores que se repetem, simbolizando as semanas.

A variedade de cores, *ready-made* cores, pigmentos já prontos que foram apropriados durante a confecção, mostram a propriedade da policromia e sua função na representação. Através das cores se faz destaque ao assunto, enfatiza o brilho e vitalidade das mesmas e mostra a distinção destas na preparação do argumento discutido. *Anno* encerra a série *Cores no Tempo*, colagens estas que buscaram ilustrar toda a trajetória da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória na preparação deste trabalho passa por inúmeras inspirações que se assemelham à escritura de um livro. As leituras, todo o repertório de vida, as experiências vividas, os cursos e a orientação durante o percurso foram fundamentais na composição.

Por ser uma narrativa ampla, estudar a cor e a luz se tornou um assunto que merece uma continuidade. As informações relatadas são verídicas e cheias de muita dedicação e empenho. Buscou-se tratar sobre a cor e a luz em base as obras seriadas de Monet, especialmente a série Palheiros, onde o tema temporalidade era contemplado em sua produção.

Durante o estudo se fez uma viagem na vida do artista, descrevendo sua obsessão pelas obras em série, além de citar algumas delas. A ideia da passagem atmosférica do tempo foi tratada enfatizando a conexão da cor e da luz nas pinturas de Claude Monet.

Dando continuidade ao processo, descreveu-se sobre a escolha pela técnica da colagem, explicando a trajetória de experimentos até alcançar o momento presente. Como trabalho artístico apresentou-se uma série de colagens, retratadas de forma metafórica, onde evidencia a importância da luz e da cor nas composições que tratam a passagem do tempo.

Falar sobre cor exige muita leitura e pesquisa. Tema abordado por grandes estudiosos, se manifesta como um argumento muito vasto, sendo grande oportunidade para o seguimento e interesse em futuras análises.

Vale salientar que durante a preparação a participação em grupos de estudos e de curso de colagens proporcionam uma riqueza de informação que ampliou o horizonte e ilustrou a teoria.

De grande valia, a pesquisa brindou muito conhecimento e abriu um horizonte ante um tema tão curioso e instigante. Seria conveniente citar que merece ser avaliado para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BALZI, Juan J.. **O Impressionismo**. São Paulo: Editora Claridade, 2009.

BARROS, Lilian R. Miller. **A Cor no processo criativo**. 4a edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

CAGE, John. **A Cor na Arte**. 1ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

CSILLAG, Paula. **Comunicação com Cores: uma abordagem científica pela percepção visual**. São Paulo: Senai-SP Editora/ESPM, 2015

FARINA, Modesto. PEREZ, Clotilde. BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5a edição. São Paulo: Editora Blücher Ltda., 2006.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. (tradução Paulo Polzonoff Jr... et al.) Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

FRASER, Tom, BANKS, Adam. **O guia completo da cor**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

FERREIRA, Letícia, MELLO, Luana. **A presença das vanitas na arte: morte e efemeridade nas pinturas de artistas do período barroco**. 10a Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa. Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Osório, 2021.

GIANNOTTI, Marco (org.). **Reflexões sobre a Cor**. 1ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

GLEZER, Raquel. **Tempo e História**. Ciência e Cultura, vol. 54, no capítulo 2. São Paulo, Oct./Dec. 2002.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Doutrina das cores**. Apresentação, tradução, seleção e notas Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Editora Olhares, 2021

KINDERSLEY, Dorling. **Grandes Pinturas**. (traduzido por Maria da Anunciação Rodrigues). 2a edição. São Paulo: Publifolha, 2012.

KING, Ross. **Monet a Pintura das Ninfas: a história do projeto mais audacioso do Impressionismo** (traduzido por Cristina Cavalcanti). 1ª Edição. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 2012.

MALDONATO, Mauro. **Passagens de tempo**. São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

MOORE, Alannah. **The Collage Ideas Book**. United Kingdom: Octopus Publishing Group, 2018.

POHLMANN, Angela Raffin. **Pontos de Passagem: O Tempo no processo de criação**. 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SERULLAZ, M.. **O Impressionismo**. (traduzido por José Carlos Bruni). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

SILVEIRA, Luciana Martha. Introdução à Teoria da Cor. 1ª Edição. Curitiba: Editora UTFPR, 2011.

SPENCE, David. **Monet-Impressionismo**. (traduzido por Luiz Antonio Aguiar). São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1998

WHITROW, G. J. **O que é o tempo? uma visão clássica sobre a natureza do tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 46.

WILDENSTEIN, Daniel. **MONET, O Triunfo do Impressionismo**. (traduzido por Maria Filomena Duarte, Lisboa). Edição original. Köln: TASCHEN GmbH, 2018.